

10 ANOS

EDIÇÃO COMEMORATIVA

OURO DA CASA

OURO DA CASA 2017 2018







OURO DA CASA

2017 - 2018



FURNAS

Palavra do Presidente	6
Palavra do Diretor	8
Adir Martins Costa	10
Alédio José Ferreira	14
Aloísio Soares Barreto	18
Carlos Alberto Ferrara	22
Carlos Rodrigues Alves	26
Delson Ramos Ferreira	30
Denise Peres Paula	34
Denise Ururahy Póvoa de Almeida Paiva	38
Eliabe Menezes da Silveira	42
Franklin Gonçalves de Brito Neto	46
Gilberto Henrique de Moraes	50
Gledes Vieira do Prado	54

SUMÁRIO

José Carlos do Nascimento Moura	58
José Chrizanto Lippi da Conceição	62
José Dutra Martins	66
Lucimar Brito de Souza	70
Luiz Otávio de Souza Araújo	74
Marcio Rogério Bussmann	78
Marcus Vinicius Vaz	82
Maria Cristina Gonçalves de Carvalho	86
Paulo Ricardo da Silva Ferreira	90
Paulo Roberto Andrade	94
Ricardo Coelho Rodrigues	98
Sergio Martins Pires	102
Sérgio Wilson Ferraz Fontes	106
Wagner Sirley de Oliveira Domingues	110
Widson Augusto Machado dos Santos	114

EXPEDIENTE

Revista Ouro da Casa
nº 10 • Novembro, 2018

Ricardo Medeiros
Diretor-Presidente

Cláudio Guilherme Branco da Motta
*Diretor de Engenharia, Meio Ambiente,
Projeto e Implantação de Empreendimentos*

Djair Roberto Fernandes
Diretor de Operação e Manutenção

Cláudio Danusio de Almeida Semprine
*Diretor de Gestão de Novos Negócios
e de Participações*

Julio Cesar Jorge Andrade
Diretor de Administração

Jenner Guimarães do Rêgo
Diretor de Finanças

Realização

*Superintendência de Gestão
Estratégica de Pessoas*

Gerência de Gestão de Carreiras

Supervisão

*Superintendência de Comunicação e
Relações Institucionais*

Gerência de Comunicação Social

Editor
Leonardo Cunha

Reportagem
Behula Spencer
Eduardo Franklin
Eleonora Brazão
Isabel Tostes
Leonardo Cunha
Luiz Fajardo
Magda Rocha

Estagiárias
Beatriz Veloso
Dayalla Goulart

Fotografia
Daniela Monteiro
Jorge Trindade
Natália Mayrink
Teresa Travassos

Revisão
Christiane Coutinho
Eduardo Franklin
Roseane Luz

Apoio Técnico
Anlive Portela Martinelli

Diagramação/ Capa
Neila Maria da Matta Martinho

Projeto Gráfico
Fino Traço Programação Visual

Endereço
Rua Real Grandeza 219 Bloco C sala 501
Botafogo - Rio de Janeiro (RJ)
CEP 22281-900 - Tel: (21) 2528-5665


Assessoria de Produção Gráfica
Gerência de Centro de Serviços
Compartilhados - Escritório Central

Tiragem
350 exemplares

PALAVRA DO PRESIDENTE



Foto: Daniela Monteiro



Como presidente de FURNAS, tenho a honra de apresentar mais uma edição da revista Ouro da Casa. Não uma edição qualquer! Neste ano, nosso programa de reconhecimento aos empregados e empregadas completa dez anos.

Em uma década, foram muitas as transformações vividas pelo país, pelo setor elétrico e, certamente, por FURNAS.

Alterações no marco regulatório do mercado de energia fizeram com que a Empresa tivesse de se adaptar aos novos tempos. Reorganizamos processos, dinamizamos nossa estrutura organizacional, promovemos planos de incentivo para o desligamento de pessoal e investimos na integração de sistemas, como forma de aumentar a eficiência da Companhia.

Para vencer cada desafio, contamos com o apoio imprescindível de nossa força de trabalho. Graças à capacidade de adaptação e inovação de nossos colaboradores, tivemos êxito na implantação de uma série de projetos e ações.

Como já ressaltai em outras ocasiões, o ativo mais valioso de FURNAS não é feito de aço, alumínio ou concreto. E sim, das ideias, experiências e desejos dos homens e mulheres que compõem seu quadro técnico e gerencial.

É a sua energia que move a Empresa e nos faz gerar riqueza, conhecimento e oportunidades para milhões de brasileiros.

Vocês são o nosso Ouro da Casa!

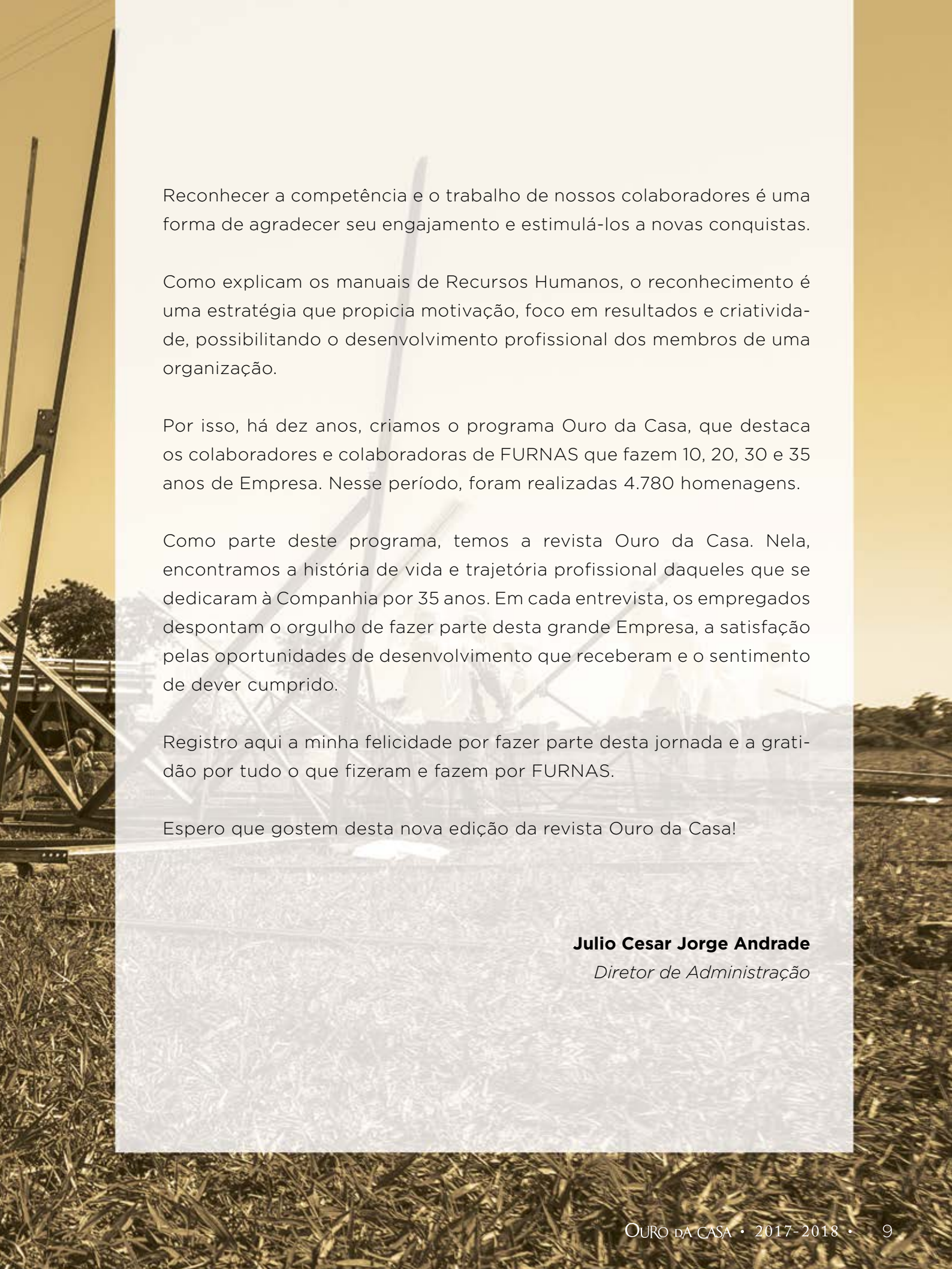
Ricardo Medeiros

Diretor-Presidente

PALAVRA DO DIRETOR



Foto: Daniela Monteiro



Reconhecer a competência e o trabalho de nossos colaboradores é uma forma de agradecer seu engajamento e estimulá-los a novas conquistas.

Como explicam os manuais de Recursos Humanos, o reconhecimento é uma estratégia que propicia motivação, foco em resultados e criatividade, possibilitando o desenvolvimento profissional dos membros de uma organização.

Por isso, há dez anos, criamos o programa Ouro da Casa, que destaca os colaboradores e colaboradoras de FURNAS que fazem 10, 20, 30 e 35 anos de Empresa. Nesse período, foram realizadas 4.780 homenagens.

Como parte deste programa, temos a revista Ouro da Casa. Nela, encontramos a história de vida e trajetória profissional daqueles que se dedicaram à Companhia por 35 anos. Em cada entrevista, os empregados despontam o orgulho de fazer parte desta grande Empresa, a satisfação pelas oportunidades de desenvolvimento que receberam e o sentimento de dever cumprido.

Registro aqui a minha felicidade por fazer parte desta jornada e a gratidão por tudo o que fizeram e fazem por FURNAS.

Espero que gostem desta nova edição da revista Ouro da Casa!

Julio Cesar Jorge Andrade

Diretor de Administração

ADIR MARTINS COSTA

SATISFAÇÃO NO TRABALHO E NA VIDA PESSOAL

“Em 1982, eu morava na cidade de Franca (SP) e me inscrevi no concurso promovido por FURNAS. Fui então aprovado para trabalhar na Usina Hidrelétrica de Estreito (MG/SP), atualmente Luiz Carlos Barreto de Carvalho.” Assim descreve Adir Martins Costa o começo de sua trajetória na Empresa.

Em 1984, foi transferido para a Subestação de Ivaiporã (PR), onde hoje é lotado na Divisão de Operação. Adir conta que a unidade estava ainda se estruturando. Por isso, ao chegar, havia apenas um terço das obras concluídas. “Trabalhei em turnos de revezamento construindo minha carreira, de operador a supervisor de Operação”, afirma.

Casado com Maria da Conceição e pai de Jean e Tiago, Adir foi convidado para trabalhar na Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa (GO), em 2000. Mas desta vez a transferência não ocorreu como planejaram seus superiores. “Profissionalmente, seria muito bom para mim. Porém, minha esposa era professora concursada do Estado e a mudança não lhe traria vantagens. Além disso, meus filhos teriam de estudar numa escola distante 110 quilômetros de casa. Resolvi, então, permanecer em Ivaiporã.”



Sala de controle da Subestação de Ivaiporã (PR)

A decisão não causou nenhuma frustração em Adir. “Gosto muito do meu trabalho como supervisor, pois me relaciono diretamente com os profissionais que atuam em turnos, executando funções em tempo real, pré e pós-operação”, reconhece.

DEDICAÇÃO

Ele admite que, apesar de não ser paranaense, gosta muito da cidade em que vive. “Conheci muita gente e construí laços de amizade, tanto no trabalho quanto na vida pessoal”, revela.

“

Tendo vontade de trabalhar, coragem e humildade, o colaborador naturalmente atingirá o ápice de sua carreira.

”

Formado em Administração de Empresas e Eletrotécnica, além de vários outros cursos – alguns, patrocinados pela Empresa –, Adir já recebeu convites para atuar como docente em instituições de ensino. Mas por enquanto, prefere se dedicar somente a FURNAS. “Não penso em parar tão cedo.”

A afirmação reflete sua satisfação com o que faz. Ao analisar os anos dedicados à Empresa, Adir não hesita em alertar os que chegam: “Tendo vontade de trabalhar, coragem e humildade, o colaborador naturalmente atingirá o ápice da sua carreira.” E ressalta: “FURNAS é uma Empresa sólida, nunca atrasou salários. É realmente excepcional.”

TRIAVÔ

Atualmente, Adir divide o trabalho com o paparico aos quatro netos. “As trigêmeas Maria Antônia, Maria Gabriela e Maria Heloísa, de 2 anos, são filhas do Jean, de 32. E o Theo, de 1 ano, filho do Tiago, meu caçula, que está com 29. De uma só vez, fui triavô e, um pouco depois, começava tudo de novo com a chegada do Theo”, afirma, sem conseguir esconder o orgulho que sente pelas crianças.

Além do papel de avô, que é o que mais lhe traz prazer, Adir alimenta alguns passatempos bastante diversificados: “Gosto muito de ler jornais e revistas técnicas, fazer palavras cruzadas, me entreter no computador e ouvir música. Aprecio viajar com a família, mas como sou por demais caseiro, prefiro que esses passeios não sejam tão longos”, finaliza.

Na foto ao lado, a nora Giseli (em primeiro plano), Maria da Conceição, Adir, Tiago, a nora Júlia e Jean; na página ao lado, o pequeno Theo com os pais e avós



Fotos: arquivo pessoal



As trigêmeas Maria
Heloisa, Maria
Antônia e Maria
Gabriela, com os
pais, Giseli e Jean



ALÉDIO JOSÉ FERREIRA

**REINVENTAR
É PRECISO**

“Passei pela área de Operação, Planejamento Energético e, nos últimos dez anos, estou na Engenharia. Vivi e continuo vivendo, a cada dia, experiências edificantes. Ao longo de minha carreira, sempre lidei com novos aprendizados, sempre me deparei com recomeços. O fato de precisar recomeçar do zero e reaprender, com certeza, demanda e demandou muito esforço, mas os desafios nos impulsionam.”

Alédio José Ferreira, autor do depoimento acima, ingressou em FURNAS no dia 15 de outubro de 1982, no Centro de Operação da Subestação de Jacarepaguá (RJ). A etapa seguinte foi integrar a equipe da Divisão de Centro de Operação do Sistema, no Escritório Central (RJ), responsável por monitorar todas as áreas regionais da Empresa. Hoje, atua na Gerência de Projetos de Proteção, Controle e Telecomunicações (GPP.E).

A pluralidade de Alédio se reflete em sua própria formação. Após concluir o nível técnico médio em Eletrotécnica, graduou-se na Universidade Veiga de Almeida (RJ). Foi mais além, com a pós-graduação e docência superior e, como parar nunca fez parte dos planos, está cursando o quinto período de Direito.



“O Direito, para mim, que tenho formação em Ciências Exatas, é algo novo. Ele me obriga a enxergar o mundo de maneira diferente, abre um campo de visão extenso. Não estou pensando em me aposentar de FURNAS e, ao mesmo tempo, já estou trilhando outro caminho”, diz.

“

Vivi e continuo vivendo experiências edificantes.
Ao longo de minha carreira, sempre lidei
com novos aprendizados,
sempre me deparei com recomeços.

”

DESAFIOS

Sua capacidade de inovar fez Alédio vencer várias etapas na trajetória profissional. Ao reconstituir fatos marcantes, recorda de um passado recente com a energização e entrada em operação da Subestação de Padre Fialho (seccionamento da Linha Ouro Preto-Vitória). “Tivemos dificuldades para energizar novamente a linha, mas conseguimos equacionar e solucionar as questões que envolviam atribuições do fornecedor, com o auxílio dos técnicos de FURNAS presentes no local, que primaram pela excelência. Foram praticamente dez dias sem dormir, até colocar a linha para funcionar, já com o vão pronto e outro empreendimento programado para ser energizado. No final, nosso dever foi cumprido”, conta, entusiasmado.

As madrugadas também foram longas para implantar o Sistema Nacional de Observabilidade e Controlabilidade (Sinocom), nas subestações de Itaberá (SP) e São José (RJ). Já na Linha Ouro Preto-Bom Despacho, enfrentou frio e chuva para colocar o circuito em operação. Isto, sem contar com os finais de semana e feriados distantes da família, em função de inúmeros empreendimentos – como a Subestação Venda das Pedras e a Linha Barro Branco-Ouro Preto – e da modernização de instalações que possuíam equipamentos obsoletos.

Mesmo diante das intempéries, Alédio não esconde o orgulho de fazer parte do quadro de FURNAS e explica, passo a passo, suas atribuições. “A partir do edital, preparamos a documentação de especificação dos equipamentos de proteção e controle que serão utilizados nas subestações e usinas. Após o levantamento de campo, é a vez da execução dos projetos básico e executivo.



Alédio (de camisa vermelha), durante a energização da Subestação Barro Branco (MG)

Concluídas essas etapas, passamos para os Testes de Aceitação em Fábrica (TAF) e os Testes de Aceitação em Campo (TAC). Com os painéis já instalados, montados e cabeados, somos chamados para fazer o comissionamento, a implantação final, onde ficarão ligados permanentemente”, detalha o empregado, que é casado com Geiza há 37 anos e tem dois filhos, Vitor e Alexandre.

Em cada missão, Alédio traz consigo uma bagagem infindável de conhecimento. Aos 18 anos de idade, começou a trabalhar em áreas energizadas, no setor de Manutenção de Subestações e no Laboratório de Análises de Óleo Isolante Mineral, da Light Serviços de Eletricidade S.A., quando a empresa ainda era canadense. Segundo relata, o sistema elétrico era perigoso, operado diretamente nos equipamentos.

PLANOS

Hoje, a realidade é bem diferente. “FURNAS tem implantado, em suas instalações, mecanismos moderníssimos de proteção, controle e supervisão, além de equipamentos de manobras, como chaves seccionadoras e disjuntores, que não só garantem a segurança dos técnicos que os operam, como também salvaguardam a continuidade dos serviços de fornecimento de energia. Tudo que era eletromecânico está disponível em *software*. Usa-se o telecomando, com simulações a distância. Acompanhei toda essa transformação tecnológica”, discorre.

Alélio não se esquece dos amigos que formou na Empresa, espalhados por cada canto de FURNAS, que lhe trouxeram ensinamentos diversos e constituíram sua segunda família. Para ele, o difícil será olhar para trás, uma vez que, de acordo com suas palavras, “faço o que gosto, me sinto muito bem e estou inserido em um ambiente feliz e harmonioso”. E completa: “Não consigo entender as pessoas que estão contando os dias para a aposentadoria. Para não fazer nada? Isso é muito estranho. Perde-se o sentido da vida. Eu quero ser útil, continuar.”

Parar, só se for para brincar com os netos Lucas, Carolina e Maitê. O sorriso largo, quando fala dos pequenos, revela a felicidade por desempenhar um papel tão especial. “Eu pergunto para cada um deles: ‘O que o vovô não faz por vocês?’ A resposta vem em coro: ‘Não há nada que você não faça por nós.’ É a energia que se renova de geração para geração.”

A partir da primeira foto abaixo, o colaborador atuando na implantação do Sistema Nacional de Observabilidade e Controlabilidade da Subestação Itaberá (SP) e no comissionamento dos sistemas de proteção da Linha Itaberá-Tijucu Preto 2



Fotos: arquivo pessoal

ALOÍSIO SOARES BARRETO

**ATENTO ÀS
OPORTUNIDADES**



Aloísio Soares Barreto formou-se em Eletrônica na antiga Escola Técnica Visconde de Mauá (RJ), em 1979. Durante quatro anos, fez parte do quadro de empregados da Siemens, onde começou a acalantar o projeto de trabalhar em FURNAS. “Tive a oportunidade de prestar serviços para a Companhia. Vi que era uma grande Empresa, com muitas oportunidades. Tanto que, em 1983, quando decidi sair da Siemens e tentar novo caminho profissional, minha mãe me aconselhou a não mudar de emprego, pois estava com meu primeiro filho, o Rodrigo, recém-nascido. Bati pé e fui fazer o teste em FURNAS. Hoje, vejo que foi a melhor opção.”

Aloísio acabou lotado na Divisão de Manutenção Eletroeletrônica, da Subestação de Jacarepaguá (RJ). Lá, atendia com os demais colegas às unidades de Jacarepaguá, Angra dos Reis, Grajaú, Santa Cruz e todas as estações de telecomunicações da área Rio. Ao longo de seus 35 anos de FURNAS, ele atuou diversas vezes em serviços noturnos. “Viajava muito para atender a emergências. Gostava do que fazia, pois juntava trabalho com aventura. Entre as manutenções, a que mais gostava era do sistema de telecomunicação da Estação de Agulhas Negras (RJ).”

Aloísio lembra de uma situação complicada por que passou e, hoje, se diverte com a dificuldade enfrentada. “Voltando do Parque de Itatiaia de madrugada, nossa caminhonete Veraneio teve uma pane. Eu e os colegas empurramos o carro morro acima, morro abaixo, para ver se voltava a funcionar. A muito custo, conseguimos chegar num posto de gasolina que estava fechado. Pela manhã, após dormir no veículo em frente à bomba de combustível, constatamos que o problema era falta de álcool. Foi uma madrugada para não esquecer jamais.”

Outra história marcante na sua vida ocorreu em 2016, quando pôde salvar um trabalhador de TV a cabo que, ao tomar uma descarga elétrica, caiu de uma altura aproximada de 4 metros. “Tive a sorte de estar passando na hora do acidente e parei para prestar socorro. Estava no lugar certo e na hora certa. Graças a Deus e aos ensinamentos de prevenção de acidentes de FURNAS, consegui ressuscitar o rapaz e acompanhá-lo, até a chegada dos bombeiros. Foi emocionante. As pessoas em volta batendo palmas e eu com a sensação de dever cumprido, emocionado!”

“

Tive com a Empresa uma relação igualitária de troca. Dei o meu trabalho e dedicação e recebi oportunidades, reconhecimento e condições para educar meus filhos.

”



Aloísio e Márcia

Casado pela segunda vez, Aloísio relembra com emoção sua história pessoal. “Com minha primeira esposa, Sheila, tive dois filhos: Rodrigo, hoje com 35 anos; e Bruna, com 31. Tempos depois de seu falecimento, casei com minha atual esposa, Márcia, com quem tive mais dois filhos: Renan, 20; e Clara, 14. Bruna me deu dois netos: Érica está com 14 anos e Ayrton tem apenas 2”, conta. Recentemente, a família cresceu mais um pouco, com o nascimento de Otto, filho do primogênito Rodrigo.

Aloísio volta a falar com carinho e emoção dos amigos que fez durante sua trajetória em FURNAS. “Na Empresa, somos como irmãos. Para se ter ideia, criamos um

Aloísio com a mulher e os filhos Renan e Clara, em Orlando (EUA)



time de futebol há 30 anos e, até hoje, nos reunimos sempre nas quartas-feiras para jogar nossas “peladas” no Clube dos Bancários, em Jacarepaguá.” Solicitado pelo repórter a citar alguns amigos, ele sai pela tangente. “Se falar o nome de alguém, posso esquecer de outros e não fica bem. Mas vale lembrar de alguns, como o Paulo Sérgio Assis, Nilo Motta, Luiz Otávio de Souza Araújo, Lauro Aguiar e por aí vai...”

Além dessas sólidas amizades, Aloísio diz que FURNAS lhe proporcionou tudo o que tem na vida. “Tive com a Empresa uma relação igualitária de troca. Dei o meu trabalho e dedicação e recebi as condições para educar meus filhos, construir um

patrimônio e fazer um grande círculo de amizades. Com isso, tive condições não só de ter, mas também de dar uma vida digna para minha família.”

Aos 56 anos, aposentado e feliz, Aloísio ressalta que os novos colaboradores devem procurar investir mais na Empresa. “Tem que ter muita dedicação e ser persistente, pois mais cedo ou mais tarde as oportunidades surgem. Paciência e dedicação são o segredo para alcançar os objetivos propostos. Outro componente para o sucesso profissional é ter orgulho de trabalhar em uma companhia como FURNAS. Aqui se consegue ter trabalho com dignidade.”

50 anos comemorados em família



Fotos: arquivo pessoal

CARLOS ALBERTO FERRARA

**UM PROFISSIONAL
REALIZADO**

O engenheiro eletricitista Carlos Alberto Ferrara, 60 anos, pode ser considerado um felizardo. Ao longo de sua carreira em FURNAS, conseguiu aliar estabilidade e desafio profissional. “Atingi plenamente meus objetivos”, afirma ele, que se desligou da Empresa em dezembro de 2017, beneficiado pelo Plano de Aposentadoria Extraordinária (PAE).

Aluno da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ferrara estagiou no antigo Departamento de Engenharia Elétrica, em 1981. Dispensado ao final do contrato de 12 meses, foi admitido, em seguida, na Promon Engenharia. Logo no primeiro dia na nova firma, entretanto, recebeu um convite para voltar e ocupar uma vaga na Divisão de Análise e Estudos da Operação de FURNAS.

O engenheiro recém-formado não pensou duas vezes: ligou para o chefe e disse adeus à Promon. “Nunca me arrependi dessa decisão”, conta.

SISTEMAS

Ferrara permaneceu sete anos no órgão encarregado de realizar estudos sobre o sistema elétrico. Em 1989, transferiu-se para a

Divisão de Sistemas de Supervisão e Controle, ligada ao Departamento de Operação do Sistema.

Foi lá que teve lugar a fase mais profícua do colaborador na Empresa. Ele vivenciou a transição da tecnologia analógica para a digital, no mundo dos centros de operação de sistemas elétricos. E também contribuiu para que essa transformação ocorresse.

O primeiro grande projeto de que participou foi a concepção e implantação do Sistema de Supervisão e Controle dos Centros de Operação (SOL) de FURNAS. O desenvolvimento deu tão certo, que evoluiu e está em operação até hoje. Em sua terceira geração, o SOL é essencial para os técnicos da Companhia no monitoramento e controle de subestações, linhas de transmissão, hidrelétricas e termelétricas.

Cabia também à equipe de Ferrara realizar as atualizações do SOL. “Como todos os dias entram em operação equipamentos novos, temos de fazer refletir o que existe no mundo físico, no sistema. O que acontece em tempo real tem de aparecer na tela do operador, para a tomada de decisão”, explica.

“

Atingi plenamente meus objetivos.

”

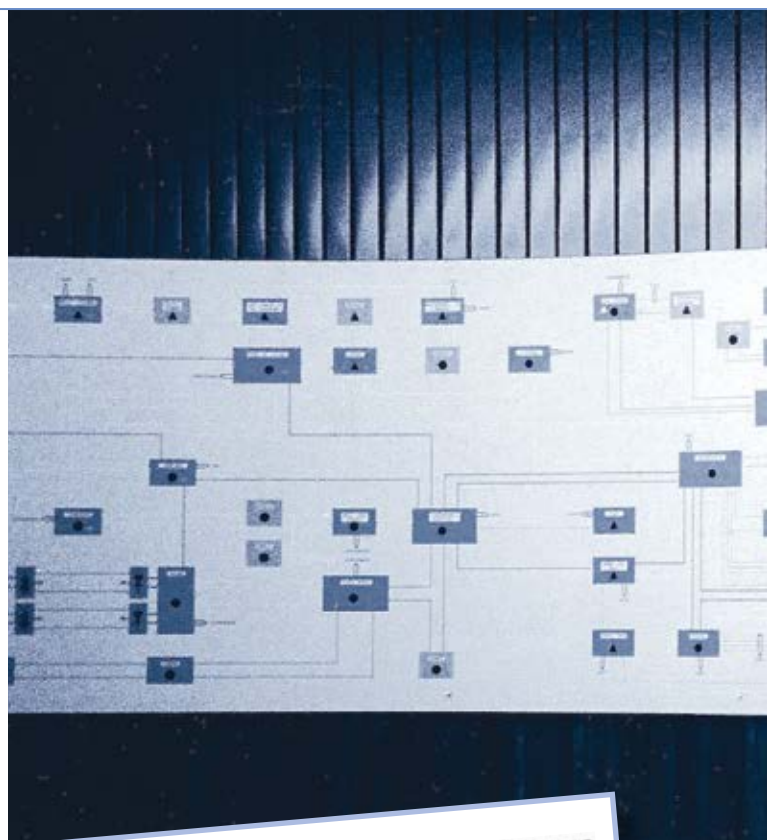
PATENTE

Outra inovação foi possibilitar que os gráficos de parâmetros de funcionamento do sistema elétrico pudessem ser visualizados em telas de computador. Até então, eles eram produzidos por equipamentos eletromecânicos, que utilizavam papel e tinteiro de pena para mostrar, em tempo real, as medidas elétricas.

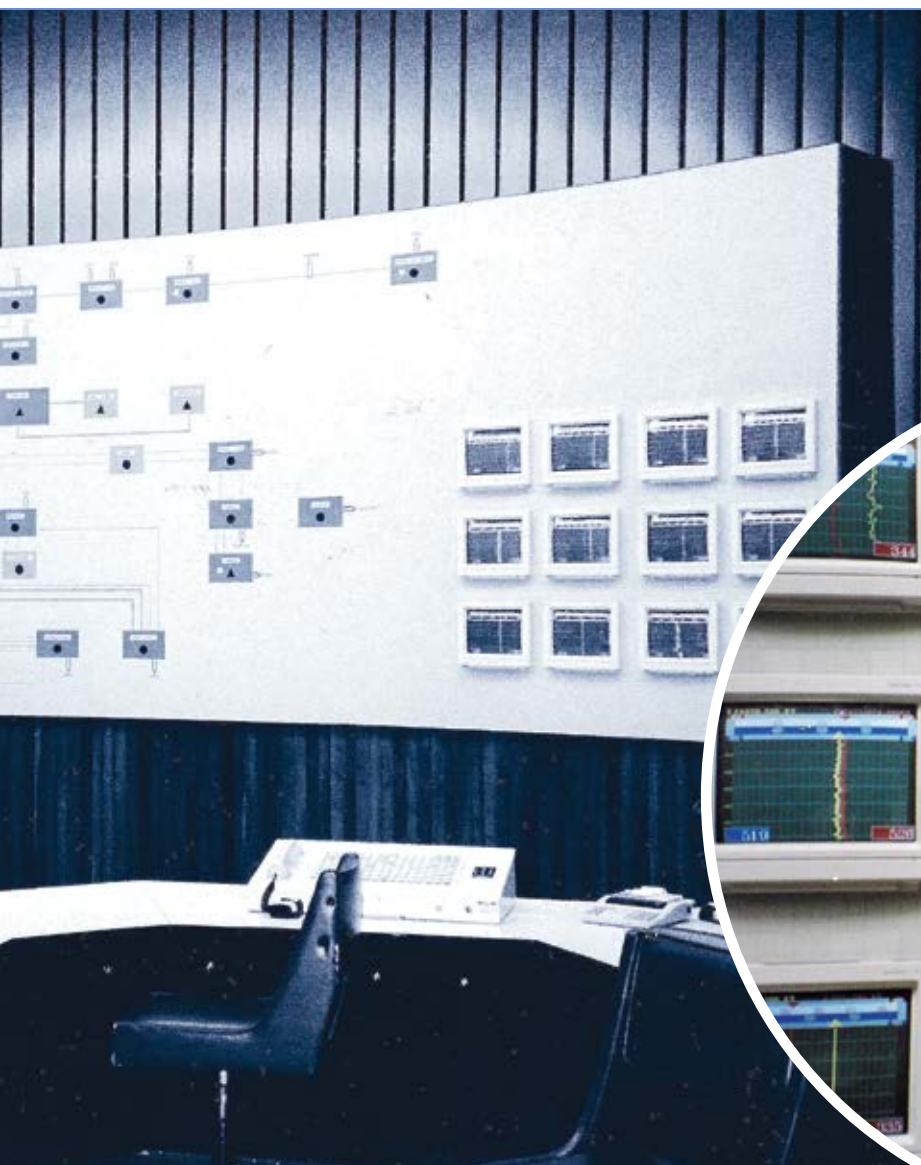
Para concretizar a inovação, Ferrara desenvolveu uma placa de circuito impresso que permitia um único microcomputador se conectar a 16 monitores dispostos na parte lateral dos painéis de controle. O projeto da placa rendeu uma patente a seu inventor. “Não ganhei um único centavo com isso, mas me diverti muito. Já FURNAS, certamente obteve uma grande economia”, esclarece. “O papel, a tinta e a pena eram muito caros, por serem importados. Além disso, havia a necessidade de manter um técnico trocando, continuamente, a tinta e o papel daqueles equipamentos nos centros de operação.”

Ferrara conta como foi o processo de manufatura do *hardware* patenteado: “Fizemos o protótipo num laboratório do antigo Centro Técnico de Ensaios e Medições, em Minas Gerais. Tirávamos xerox do desenho do circuito e o prensávamos contra a placa de circuito impresso, numa sanduicheira. Com o calor, o desenho era transferido para o material. Onde havia tinta, ficava preto. Depois, mergulhávamos a placa em hipercloreto de ferro, que corroía a superfície de cobre que não estivesse coberta pelo *tonner*, produzindo o caminho a ser percorrido pela corrente elétrica.”

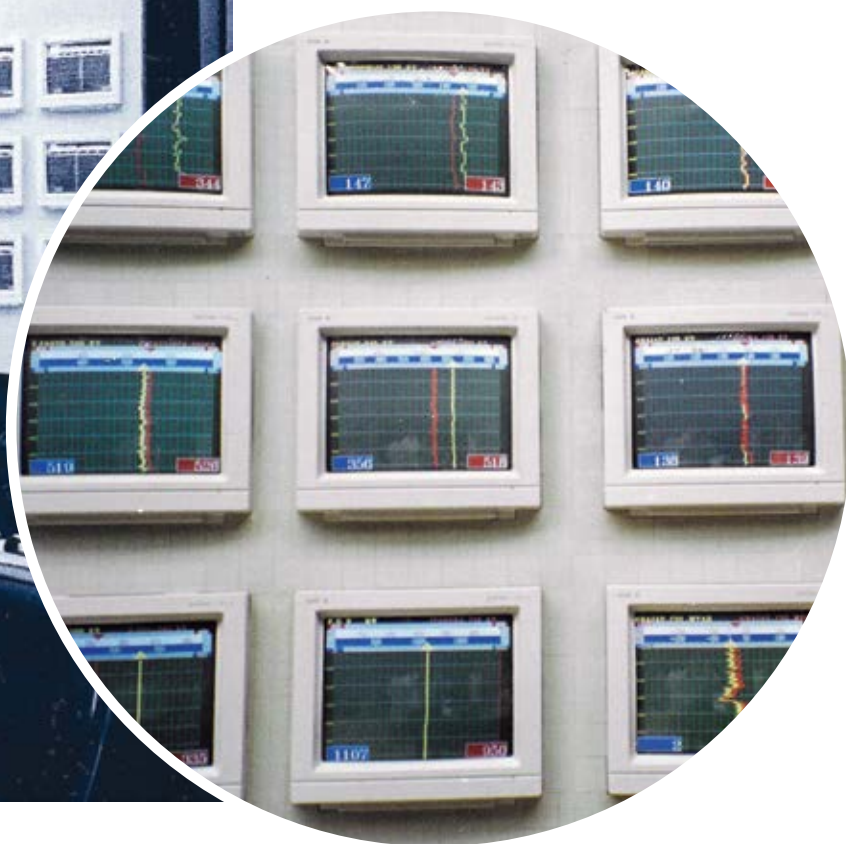
Fotos: arquivo FURNAS



Carta-patente da placa e sistema multivídeo para computador, criados por Ferrara



Painel de uma sala de controle de FURNAS, em 1995; no detalhe, o sistema multivídeo



O engenheiro também criou o *software* multitarefa, que processava e exibia os dados nas várias telas de computador controladas pelo seu invento. Segundo ele, havia um ambiente mais propício à criatividade e ao desenvolvimento de soluções nas empresas do setor elétrico, nas décadas de 1980 e 1990.

HARMONIA

Ferrara compara sua trajetória em FURNAS a um casamento harmonioso. “Quando você está bem na Empresa, na parte profissional, confortável com o ambiente em que trabalha, há um casamento perfeito entre a vida profissional e pessoal”, afirma.

Aposentado desde dezembro de 2017, o engenheiro mantém contato com os companheiros que deixou na Empresa. Segundo ele, “a ficha (da aposentadoria) ainda não caiu”. Mas algumas mudanças podem ser percebidas em seu cotidiano. Agora, tem mais tempo para velejar com a esposa, Eneida, e as filhas, Isabella e Thaís, em Búzios (RJ). E também para produzir pão com fermento caseiro, receita tradicional na família de ascendência italiana.

Para os que ainda continuam na Empresa, Ferrara aconselha: “Com bastante dedicação, você certamente encontrará espaços para o crescimento profissional.”

CARLOS RODRIGUES ALVES

TRABALHO, DESAFIOS E AMIZADES

A relação de Carlos Rodrigues Alves com FURNAS vem de família. Seu pai, Arthur Rodrigues Alves, após passar para a reserva da Aeronáutica, trabalhou como piloto da Empresa, fazendo as rotas de interligação com as áreas regionais. Em 1982, Carlos cursava Engenharia Elétrica na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, quando decidiu procurar um estágio em FURNAS e descobriu que existia uma vaga para o setor de Informática. Como se identificava com a atividade, aceitou o desafio. Até se aposentar, trabalhou 36 anos na área, abrindo mão da carreira de engenheiro.

Formado também em Análise de Sistemas pela Universidade Estácio de Sá, ele atuou, nos dois primeiros anos em FURNAS, como operador de computador. Nos últimos anos da carreira, como gestor da área de suporte (*Helpdesk*) aos usuários da rede da Empresa, participou de projetos como a implantação do *outsourcing* de impressão, que terceirizou o serviço de operação e manutenção das impressoras da Companhia. “Devido à capilaridade e distância das áreas regionais, este trabalho foi muito complexo”, conta.

INTEGRAÇÃO

Outro desafio superado pelo ex-empregado ocorreu em 1984, quando teve a chance de participar de uma equipe multidisciplinar, para implantação e ampliação do sistema de comunicação de dados e integração das áreas regionais. “FURNAS reuniu pessoas do antigo Departamento de Engenharia de Telecomunicações, com os especialistas do Departamento de Processamento de Dados. Fazia parte, também, o treinamento de pessoal envolvido nas interligações das áreas com o Escritório Central. Foram dez anos de compromisso com essa atividade.”

Carlos ressalta que a criação de uma rede integrada de comunicação possibilitou mais eficiência na gestão da Empresa, através da informatização das subestações e usinas, além de permitir a construção de um extenso círculo de amizades.

Lembra, ainda, que a cultura adotada na Superintendência de Informática era a de valorização do ser humano. “Nossa equipe trabalhava em sintonia. E mesmo fora de nossas funções, convivíamos em

“

Nossa equipe trabalhava em sintonia. E mesmo fora de nossas funções, convivíamos em diversos encontros nos momentos de lazer. Éramos uma verdadeira família.

”



Registro dos primórdios da Informática em FURNAS; nas fotos ao lado, trabalho e descontração com a equipe de suporte ao antigo *mainframe*



diversos encontros nos momentos de lazer. Éramos uma verdadeira família. Foi esta cultura que me fez permanecer 36 anos na mesma superintendência. Isto moldou minha forma de agir. Quando assumi a Gerência de Relacionamento com o Cliente (*Helpdesk*), levei comigo esta formação.”

AMIZADES

Dos amigos que fez ao longo de sua vida profissional, ele cita, entre outros, Sérgio da Rocha Muniz, Eduardo Moreira Rocha, Hélio Melo Jardim e Marcelo Fernandez Piñeiro, atual superintendente de TI de

FURNAS. “Fiz estágio junto com o Sérgio, um profissional fantástico e íntegro. Já o Eduardo, me ensinou a pensar e praticar a inovação em processos e gestão de pessoas. O Hélio foi meu primeiro gerente e, mesmo num ambiente engessado, me permitiu o crescimento profissional. Acreditava em mim e em minhas ideias. E Marcelo é o amigo de toda uma vida profissional.”

Casado há 25 anos com a advogada Mytsa Karla, cuja mãe trabalhava no antigo Laboratório de Medidas Elétricas instalado na Usina de Furnas, Carlos tem dois filhos: a estudante de Arquitetura Laryssa, com

Cerimônia da aposentadoria



Ao lado, com a esposa Mytsa, os filhos Arthur e Laryssa, mais os netos; abaixo, o ex-colaborador com o pai, Arthur Rodrigues Alves; e a mulher



Fotos: arquivo pessoal

24 anos; e o estudante de Direito Arthur, 22. Nascido no Rio de Janeiro e criado em Copacabana, reside há 37 anos no bairro São Francisco, em Niterói (RJ).

Sobre o momento atual, diz que o cenário de incertezas que se abateu sobre FURNAS leva parte dos trabalhadores a ficar apreensiva. “Acredito que todos têm de pensar coletivamente, para que se possa superar esta fase difícil. É preciso união e compreensão, porque só unidos conseguiremos redirecionar os caminhos de FURNAS, pois energia elétrica é uma fonte estratégica para o país.”



DELSON RAMOS FERREIRA

**SANGUE E SUOR
POR FURNAS**

Delson Ramos Ferreira, 54 anos, se declara de “sangue azul”. Mas isto não significa que tenha qualquer laço de parentesco com a nobreza. É o azul de FURNAS, segundo o empregado da Usina Luiz Carlos Barreto de Carvalho (MG/SP), que dá tom ao sangue que corre em suas veias. “Meu pai, José Luiz Ferreira, trabalhou na Usina de Furnas (MG). E eu nasci lá. Com apenas 1 ano, vim para Estreito (antigo nome da usina onde trabalha). A matrícula do meu pai era 8.006. A minha, 16.874”, explica.

Em 1983, Delson iniciou o Curso Técnico Básico (CTB), que forma os profissionais de Manutenção e Operação da Empresa. “Antigamente, havia três opções de formação: Equipamentos, Relés e Operação. No meu CTB, eram 54 candidatos. Fiz a inscrição para Equipamentos. Quando chegamos para a prova, nos avisaram que só existiam quatro vagas para operador e, quem não quisesse, podia sair”, lembra.

DISCIPLINA

Ele seguiu em frente e, em 1º de dezembro de 1983, tornou-se operador da Usina Marechal Mascarenhas de Moraes (MG/SP). Três anos depois, conseguiu a tão almejada transferência para a Luiz Carlos Barreto de Carvalho.

Embora confesse nunca ter gostado de ser operador, por conta dos plantões noturnos e da “monotonia” do trabalho, Delson reconhece o valor da profissão. “A Operação te dá disciplina”, declara.

Após 18 anos na Operação, o funcionário passou a atuar no setor de proteções e telecomunicação da hidrelétrica. Em 2002, Delson foi eleito vereador pelo município de Pedregulho (SP). E há nove anos, dedica-se integralmente à diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Energéticos do Estado de São Paulo (Sinergia-Campinas).

“

Esta é a melhor Empresa que existe para trabalhar. Meu pai sempre falou isso. FURNAS nunca deixou de cumprir seus compromissos.

”



SINDICATO

A entidade representa perto de 12 mil empregados de 63 empresas do setor elétrico, entre elas, gigantes como FURNAS, CPFL e Eletronorte. Além de ocupar o cargo de diretor, Delson é coordenador da Intersindical de FURNAS na Federação Nacional dos Urbanitários (FNU), espécie de colegiado que reúne integrantes de nove sindicatos – todos, ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) –, dos 14 que congregam os empregados da Companhia. Por isso, tem assento em negociações tanto com a diretoria de FURNAS quanto da Eletrobras.

Apesar de ter como função a negociação com a Empresa em pautas que dizem respeito à coletividade, como Acordo Coletivo de Trabalho (ACT) e Participação nos Lucros e Resultados (PLR), Delson conta que busca ajudar também seus companheiros em pleitos específicos.

De personalidade forte – como ele próprio se autodefine – e mesmo estando muitas vezes em lado oposto ao da Empresa nas questões trabalhistas, o sindicalista conta que nunca perdeu a admiração por FURNAS: “Esta é a melhor Empresa que existe para trabalhar. Meu pai sempre falou isso. FURNAS nunca deixou de cumprir seus compromissos.”



Fotos: arquivo pessoal

FAMÍLIA

Delson é casado há 31 anos com Eliane. A esposa tem uma história parecida com a sua. Filha de “furniano”, também nasceu na vila da Usina de Furnas e cresceu em Estreito. Após dez anos de união, vieram os filhos Heitor – hoje, com 22 anos; e Monique, 17.

O colaborador pode ser considerado um pai à moda antiga. “Eu jogo pesado. Minha moleca chegou para mim e disse: ‘Tem um cara que quer vir aqui para conversar com você.’ Que mané vir aqui, tá doida? Negativo!”, brinca.

Mesmo com 35 anos de Empresa, Delson não pensa em se aposentar, por enquanto. E quando este dia chegar, conta que não arredará pé da vila onde cresceu e criou seus filhos. Também pudera... Perto dali está o seu refúgio: a casa numa das ilhotas do reservatório de Luiz Carlos Barreto de Carvalho, onde descansa das atribulações do dia a dia e pratica seu esporte favorito, a pesca.

Na foto da página ao lado, festejando com a esposa, Eliane, e os filhos, Monique e Heitor; acima, a família reunida para uma *selfie*; abaixo, Delson e Eliane: 31 anos de casamento



DENISE PERES PAULA

Foto: Daniela Monteiro

VALEU A PENA

Um “empurrãozinho” é sempre bem-vindo para quem inicia a vida profissional. No caso da assistente administrativa da Gerência de Aprendizagem Organizacional (GAO.A) Denise Peres Paula, 55 anos, essa ajuda ocorreu de forma inusitada.

Em 1982, o marceneiro Vicente de Paula, pai de Denise, foi até a sede de FURNAS, no Rio de Janeiro, acertar detalhes do trabalho que faria para um funcionário da Empresa. Na conversa com o cliente, Vicente fez a proposta: trocar o pagamento do serviço por uma colocação para a filha, que acabara de concluir o ensino médio.

E não é que deu certo? Havia uma vaga para datilógrafa numa das divisões do Departamento de Recursos Humanos. Denise assumiu a função, por meio de um contrato temporário. “Só tem uma pessoa, abaixo de Deus, a quem eu agradeço muito: meu pai. Graças a ele, estou aqui”, diz ela.

Denise não pode reclamar da sorte. A experiência que duraria apenas algumas semanas se estendeu, devido à licença médica e de maternidade de uma colega. Os chefes e companheiros aprovaram a presteza e qualidade do trabalho executado pela funcionária. Tanto que, em dezembro de 1983, ela foi admitida por FURNAS como datilógrafa.

TRAJETÓRIA

Da operação na máquina de escrever, Denise passou a auxiliar no processo de inscrições em atividades educacionais e treinamentos realizados pelos empregados da Companhia. Em 1991, foi promovida a assistente administrativa, cargo que ocupa até hoje.

Durante toda a carreira, Denise se dedicou à área de aprendizagem organizacional de FURNAS. Foi responsável, por exemplo, pela coordenação de treinamentos voltados ao aperfeiçoamento profissional dos seus empregados. Hoje, atua no processo de pagamento a fornecedores.

No retrospecto de 35 anos de trabalho, a colaboradora conta que sempre manteve boas relações com os colegas. E apesar de sua ascensão profissional ter sido prejudicada pela falta de formação universitária, não guarda ressentimentos. “Não quis fazer faculdade. E não me arrependo”, afirma.

Além dos amigos e das boas experiências, Denise recorda os benefícios oferecidos pela Empresa a seus funcionários. Há poucos anos, seu pai precisou passar por um severo tratamento, por conta de um tumor no pulmão. Os procedimentos foram cobertos pelo plano de saúde dos empregados de FURNAS.

“

Quando comecei a trabalhar aqui, meu pai me disse: ‘Acima de tudo, seja honesta.’ E isso eu segui fielmente.

”

Ao lado, as irmãs Cláudia, Denise e Renata com os pais: Vicente e dona Marlene; abaixo, Denise e as filhas, Ana Carolina (à esquerda) e Roberta



FAMÍLIA

Mãe de Ana Carolina (27 anos) e Roberta (25), Denise fala também da importância do auxílio educacional prestado pela Empresa às famílias. Quanto ao cuidado e educação das filhas, a colaboradora teve a ajuda imprescindível da mãe, Marlene. “Para mim, a família é o pilar de tudo”, afirma, acrescentando ainda a presença constante, em sua trajetória, das irmãs Cláudia e Renata, sobrinhos e afilhados.

Há 16 anos, Denise conheceu o atual companheiro, Marcelo Gomes da Silva. A paquera, conta ela, começou num ônibus. “Marcelo pediu meu telefone e eu dei. Nunca pensei que me ligaria. Mas ele entrou em contato e começamos a namorar.”



Comemoração dos 50 anos da colaboradora



Fotos: arquivo pessoal

Acima, Denise e Marcelo; abaixo, corujando o netinho Miguel

Sobre o relacionamento, ela destaca o cuidado e respeito de Marcelo por suas filhas: “Amor não é apenas receber flores ou declarações. É convivência, companheirismo. Apesar de termos nossos arranca-rabos, tenho certeza de que ele me ama.”

Desde o nascimento do neto Miguel, em julho, Denise tem novo objetivo na vida: ser avó em tempo integral. Este foi um dos motivos, aliás, que a levaram a optar pelo Plano de Demissão Consensual (PDC), encerrando sua carreira em FURNAS com a certeza do dever cumprido.

“Tenho muito a agradecer à Empresa. Quando comecei a trabalhar aqui, meu pai me disse: ‘Acima de tudo, seja honesta.’ E isso eu segui fielmente, durante todo o tempo em que estive na Companhia”, conclui.



DENISE URURAHY PÓVOA DE ALMEIDA PAIVA

APRENDIZADO E CONQUISTAS

A carreira da advogada Denise Ururahy Póvoa de Almeida Paiva reflete as oportunidades de ascensão profissional oferecidas por FURNAS a seus colaboradores.

Recém-formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ela ingressou na Empresa em novembro de 1982 para atuar no antigo Departamento de Patrimônio Imobiliário. Passados 35 anos, Denise desligou-se da Companhia como assistente da Presidência, tendo exercido antes, por quase nove anos, o cargo de superintendente da Consultoria Jurídica, um dos mais importantes na estrutura institucional de FURNAS.

O aprimoramento constante pavimentou sua trajetória. “Tudo em FURNAS foi um aprendizado. Conheci excelentes profissionais que me ensinaram muito e aproveitei os cursos oferecidos. A Empresa nos dá respaldo para crescer e acompanhar suas demandas”, resume.

CONTRATOS

Após se transferir da área de Patrimônio Imobiliário para a Consultoria Jurídica, em 1986, a avaliação dos contratos de fornecimento de equipamentos e serviços passou a representar parte significativa das atribuições da advogada. Seu primeiro desafio foi a renovação dos serviços de manutenção dos geradores da Usina Nuclear Angra 1 – que, à época, pertencia a FURNAS.

A jovem profissional conta que teve o apoio imprescindível de advogados mais experientes e que ocupavam cargos de gerência na consultoria, como Maria Aparecida Seabra Fagundes, Regina Nahid e Assis de Melo e Silva.

A partir da década de 1990, as mudanças no setor elétrico brasileiro possibilitaram a atuação de empresas privadas na geração e transmissão de energia. Empreendimentos começaram a ser desenvolvidos por meio de parcerias público-privadas. Com

“

A Empresa nos dá respaldo para crescer e acompanhar suas demandas.

”



Denise e amigos da Consultoria Jurídica, no almoço de despedida da ex-superintendente

isso, os advogados de FURNAS ganharam a incumbência de apoiar a Companhia na formatação jurídica de consórcios e Sociedades de Propósito Específico (SPEs).

“Naquela época, cresceu a competitividade no setor elétrico. E foram criadas entidades como a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). Passei a integrar o grupo que negociava os contratos iniciais. Comecei a me interessar bastante pelo assunto e fiz um MBA em Energia, pela UFRJ, com turmas disponibilizadas para os empregados de FURNAS”, diz ela.

QUALIDADE

Em 2003, Denise foi promovida a assistente do então consultor jurídico da Companhia, Luiz Fernando Couto. Devido à sua atuação na área de parcerias, para participação

nos leilões de transmissão e de geração, tornou-se chefe da Assessoria de Assuntos Societários. No final de 2008, assumiu o comando da superintendência.

A advogada explica que, apesar da posição que ocupava, nunca teve qualquer problema com os assuntos submetidos à sua apreciação. “Quando a gente detectava alguns pontos juridicamente intransponíveis, conversávamos com as áreas envolvidas e, caso fosse preciso, até mesmo com o diretor da área. Sempre buscávamos alternativas viáveis, tornando-se desnecessária uma colocação mais firme ou brusca em reuniões de Diretoria ou do Conselho de Administração.”

Se o cargo gerencial tem seus benefícios, por outro lado, demanda dedicação. Denise afirma que são méritos de um bom gestor: saber avaliar as competências de sua equipe, ouvir, observar e dizer um “não” quando necessário.

Como superintendente, a ex-colaboradora alçou uma nova e talentosa geração de advogados a cargos-chave na Consultoria Jurídica. Ela atesta que o corpo jurídico da Companhia é da mais alta qualidade.

Quanto à dedicação, Denise conta que era o tipo de profissional que levava trabalho para casa e não tinha hora para sair da Empresa, sempre que preciso. Um dos principais projetos de sua gestão foi a implantação de um sistema de controle informatizado, dos processos contenciosos de FURNAS, denominado Themis. Segundo ela, são cerca de 7 mil processos, o que exige atenção constante quanto aos riscos e prazos envolvidos em cada demanda.



Foto: Teresa Travassos

APOSENTADORIA

Com seu jeito ao mesmo tempo circunspeto e afável, Denise avalia que tudo na vida decorre do aprendizado, até mesmo em relação à aposentadoria. “Agora, meu novo desafio é não deixar a alma envelhecer. Começar a priorizar a família, dedicar-me um pouco mais a mim e aos meus pais: Luiz, de 86 anos; e Daisy, 83”, afirma.

Casada com o advogado José Augusto de Almeida Paiva e mãe do engenheiro de produção Luiz Alfredo Paiva, 28 anos, ela pretende também utilizar seu tempo livre em trabalhos sociais. Confessa, porém, que deseja voltar a suas atividades, prestando consultoria na área de Direito Contratual ou lecionando. “Enquanto isso, aproveito para relaxar”, conclui.

ELIABE MENEZES DA SILVEIRA



**EMPENHO E
REALIZAÇÃO PROFISSIONAL**

Sem ter ideia do que o destino lhe reservava, Eliabe Menezes da Silveira teve seu primeiro contato com FURNAS aos 11 anos, quando estudava na Escola Municipal Poliana Ziza Ferreira, em Fronteira (MG). “A escola foi construída pela Companhia, na mesma época em que estavam sendo erguidas as casas para os funcionários da Usina de Marimbondo (MG/SP)”, conta.

Para ele, a responsabilidade do trabalho chegou cedo. Com 12 anos, conseguiu emprego na farmácia de um primo. Quando o estabelecimento fechou, surgiu uma oportunidade como lavador de peças na Oficina do Toninho.

Lá, havia um torno mecânico. A vontade de operar a máquina fez com que o garoto iniciasse o curso de Mecânica Geral, no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), em São José do Rio Preto (SP).

“A instituição bancava a hospedagem em pensões, durante o período de dois anos do curso, que tinha aulas práticas e teóricas em período integral”, afirma. Eliabe

concluiu a formação no Senai em julho de 1977, com quase 17 anos. “Fui eleito o melhor aluno e ganhei uma poupança de um salário mínimo, da Caixa Econômica Federal, mas só poderia sacá-la quando completasse 18 anos”, lembra.

EXPERIÊNCIAS

Segundo ele, foi por meio de uma conversa, demonstrando que não se preocupava em receber salário, que conseguiu um período de aprendizado na única oficina de torno existente em Fronteira, a Oficina do Dedê. Após alguns dias só observando o trabalho, o filho do proprietário perguntou se Eliabe poderia realizar determinado serviço, pois precisava sair. “Era algo simples. Quando ele voltou, ficou impressionado, porque eu já havia terminado a tarefa. A partir daí, passei a ser o torneiro oficial do estabelecimento.”

O técnico em Mecânica deixou a oficina, no final de 1983. Graças a seu pai, Odério Menezes, mais conhecido como “Borrachinha”, então funcionário de FURNAS, ficou sabendo da vaga de auxiliar técnico na Hidrelétrica de Marimbondo. Para conquistar o

66

Dediquem-se e sempre tentem fazer o melhor. Sejam proativos! Quem deseja chegar a algum lugar, precisa batalhar.

99

emprego, Eliabe participou de um teste conhecido como peça-prova. “Tinha de confeccionar uma peça de aço contendo uma rosca, um cônico, um paralelo com precisão H7, um côncavo e um convexo. A avaliação consistia na conferência das dimensões e acabamento”, explica.

Em 20 de dezembro daquele ano, Eliabe passou a vestir o uniforme de FURNAS, atuando como mecânico geral de usina-gem, profissional que trabalha com torno e fresa, entre outros equipamentos, no Setor de Oficina Eletromecânica Triângulo. “A gerência e supervisão eram bastante rígidas; e o trabalho, extremamente focado, já que o serviço consistia em confeccionar peças sobressalentes importadas, muito caras e de difícil aquisição”, afirma.

DESAFIO

Em 1999, a oficina foi extinta e o colaborador seguiu como especialista em Manutenção Eletromecânica, atividade que exerceu até 2001. Durante esta primeira fase da carreira, ele lembra de um período marcante: as Diretas Já, em 1984. “Foi um momento muito delicado para o Brasil, do ponto de vista político e econômico. Eu pensei, inclusive, em sair da Empresa. Foi meu pai quem me orientou a ponderar essa decisão e não desistir. Como eu era muito jovem, na ocasião, acreditava em melhores perspectivas fora da Companhia. Ainda não tinha maturidade e experiência de vida”, reflete.

Fotos: arquivo pessoal



Eliabe (à direita) com a esposa, Dulci, e o filho Gabriel

Em 2002, Eliabe aceitou nova tarefa, tornando-se supervisor de Produção da Divisão de Manutenção Eletromecânica. Para o profissional, este foi um grande desafio, pois era muito cobrado na busca da perfeição no trabalho. Para exercer a coordenação da equipe, teve o apoio de cursos de liderança e relações interpessoais oferecidos pela Empresa.



Em família: aguardando a chegada do netinho (foto acima); o colaborador entre a mulher, o filho e os pais, Odério e Luzia



FAMÍLIA

Cinco anos após ingressar em FURNAS, Eliabe casou-se com a professora Dulcimar, a Dulci, companheira de mais de três décadas e grande incentivadora. O filho único, Gabriel, 30 anos, é motivo de muito orgulho para o pai. Formado em Engenharia de Produção e casado com Kamilla, o jovem será pai em 2019. “Minha preocupação sempre foi a de poder oferecer todo o suporte e educação necessários ao Gabriel”, conta Eliabe, emocionado.

No seu sítio em Fronteira, propriedade que mantém há cerca de 25 anos, Eliabe plantou seringueira, mogno e eucalipto. “No ano passado, a seringueira começou

a produzir, o que me possibilita outra fonte de renda. Vou deixar o mogno para o Gabriel e meus netos, porque leva cerca de 18 anos para produzir e começar a vender”, detalha.

Com a aposentadoria, na esteira do Plano de Demissão Consensual (PDC), Eliabe tem outros planos. Um deles, é uma viagem à Argentina, com direito a pescaria. “Vou recompor minhas tralhas, pois pratiquei pesca aqui em Fronteira, mas com o tempo deixei de lado”, confessa.

Para os jovens colaboradores de FURNAS, fica um conselho: “Dediquem-se e sempre tentem fazer o melhor. Sejam proativos! Quem deseja chegar a algum lugar, precisa batalhar.”

FRANKLIN GONÇALVES DE BRITO NETO

**1982: VIDA NOVA,
ALEGRIA E REALIZAÇÕES**

Foto: arquivo pessoal

A pesar da eliminação da nossa Seleção na Copa do Mundo da Espanha, Franklin Gonçalves de Brito Neto teve motivos de sobra para celebrar o ano de 1982. No dia 12 de julho, ele ingressou em FURNAS. Duas semanas depois, nasceu sua única filha, Aline. E na garagem de casa, lá estava seu primeiro carro zero.

“Foi um ano bastante significativo na minha vida pessoal e profissional. Eu era empregado da Telettra do Brasil, que atravessava uma série de crises, inclusive com o desligamento de empregados. Quando entrei em FURNAS, foi um alívio. Conheci a Empresa em 1980, através do meu cunhado que trabalhava aqui. Cheguei a fazer uma entrevista, mas não fui chamado na época. No ano seguinte, mais uma entrevista e a realização de uma prova. E em 1982 fui finalmente admitido”, descreve.

Franklin sempre exerceu suas funções em áreas regionais. O primeiro local de atuação foi o setor de Telecomunicações da Gerência de Produção Rio (GRR.O), na Subestação de Jacarepaguá (RJ). Para suprir a necessidade de mão de obra especializada, foi alocado, posteriormente, na Subestação de Adrianópolis (RJ), então sede da Gerência de Produção Nova Iguaçu (GRN.O) – mais tarde transferida para o Km Zero (RJ) –, onde permanece até hoje, como substituto do gerente da Divisão de Manutenção Eletroeletrônica (DMLN.O).



Franklin acompanhou a construção da Linha Simplício-Rocha Leão: desafio

MODERNIZAÇÃO

“Gosto de ir além daquilo que se está determinado a fazer. Atribuo a esta característica o fato de ter chegado a uma função de supervisão. Durante meus 36 anos de FURNAS, venho acompanhando todas as mudanças da Empresa, ao lado de pessoas dedicadas e com disposição de sobra para enfrentar desafios. O avanço tecnológico foi o nosso grande salto. Como especialista em telecomunicações, posso afirmar que saímos da época da válvula para a era da fibra óptica, com a modernização de equipamentos, investimentos na infraestrutura e treinamento das equipes”, enfatiza Franklin.

66

Gosto de ir além daquilo que se está determinado a fazer. Atribuo a esta característica o fato de ter chegado a um cargo de supervisão.

99



Trabalho em equipe, para a recuperação de redes de fibra óptica

Segundo o colaborador, a modernização é um processo ininterrupto e caminha a passos largos. “Isso é muito bom para a nossa Empresa, pois representa mais um ramo de negócios a gerar receita”, completa.

O trabalho com telecomunicações é muito variado. Inclui manutenções preventivas, corretivas e atendimentos de emergência – como a queda de cinco torres da Linha Adrianópolis-Resende (RJ), em 18 de outubro de 2013, fato marcante na sua carreira.

Foram 25 dias longe de casa, mas que contou com uma estratégia eficiente: Franklin levou a esposa Sandra Regina. “Ela é guerreira e me acompanha sempre que pode. Ter alguém próximo no dia a dia desta emergência fez toda a diferença. Voltava para o hotel cansado, com a bota cheia de barro. Para entrar no prédio, era uma dificuldade. Mas ela dava um jeito. Seu apoio foi fundamental em todos os sentidos”, reconhece, com carinho e admiração.



TRABALHO ÁRDUO

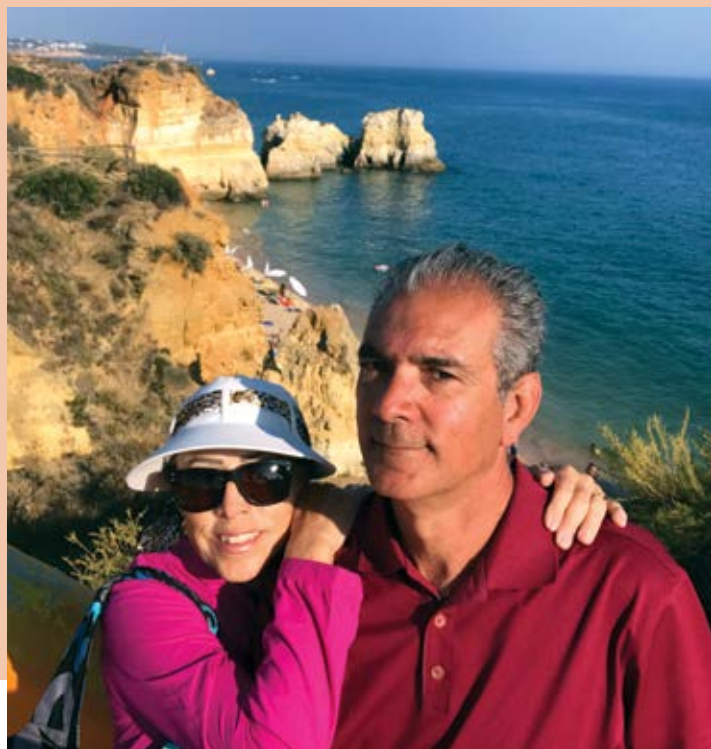
A construção da linha que transmite a energia gerada pelo Complexo Hidrelétrico de Simplício (MG/RJ) foi outro evento notável em sua trajetória. “Acompanhei a construção dessa linha até Rocha Leão. No projeto, era tudo bem mais fácil; na prática, muito diferente. Foi fascinante ver a colocação de uma torre no alto de um morro ou de uma serra. A torre seguinte ficava lá embaixo, num abismo. Vivenciei o esforço de todos os envolvidos num trabalho braçal enorme. Acompanhar o empreendimento do zero até o resultado final não tem preço. E faz com que valorizemos, ainda mais, nossos profissionais.”



Fotos: arquivo pessoal



Na Inglaterra, com a mulher, o genro Alexandre, a filha Aline e os netos: Max, Sofia e Jack; cidadãos do mundo: Franklin e a esposa, Sandra, em viagens de férias



Valorização que pauta a construção de seus relacionamentos com a equipe que lidera e com os gerentes que teve ao longo da carreira. Seu primeiro gestor foi Milton Pânico, “que me deu excelentes oportunidades”, revela. Álvaro Agostinho e Geraldo Magela foram seus supervisores e, quando este último se tornou gerente, Franklin passou para a supervisão. O gerente Dario Nunes, que hoje está à frente de sua divisão, também é lembrado com apreço.

E como esquecer de todo apoio prestado por Lidson Bastos Ligiero, seu gerente em uma fase extremamente difícil? Durante todo o ano de 2002, Franklin acompanhou de perto o tratamento médico de seu falecido pai, José Gonçalves de Brito. “Lidson nunca me cobrou uma ausência”, lembra.

Para os momentos de tristeza, há uma fórmula mágica: recorrer a fotos e vídeos dos netos Sofia (8 anos), Max (6 anos) e Jack (4 anos). Os pequenos moram com os pais (Aline e Alexandre) em Oxford, na Inglaterra. Durante as férias, Franklin e a esposa traçam seu destino com uma condição da qual não abrem mão: a rota dos avós corujas tem de passar pela cidade onde vivem seus maiores tesouros.

A Europa parece mesmo fazer parte dos planos de Franklin, que não descarta, no futuro, a possibilidade de adotar Portugal como segunda pátria. “Fizemos um *test drive* do país, este ano. Foram 30 dias para sentir como é a vida lá – não como turista, mas como residente. Para nós, brasileiros, é perfeitamente viável, já que compartilhamos o mesmo idioma e o custo de vida ser bem razoável”, planeja.

GILBERTO HENRIQUE DE MORAIS



LAÇOS DE FAMÍLIA

A entrevista mal começa e Gilberto Henrique de Moraes, 55 anos, supervisor de Operação da Usina Luiz Carlos Barreto de Carvalho (SP/MG), avisa ao repórter que deseja falar sobre família. À medida que descreve sua ligação e a dos familiares com FURNAS, torna-se difícil dissociar a trajetória do clã Moraes da história da Empresa. “Nós temos, juntos, mais de 200 anos de trabalho na Companhia”, resume.

Tudo começou, segundo ele, com o irmão Antônio Roosevelt, contratado em 1962 para trabalhar na manutenção mecânica da Usina de Furnas. Dois anos depois, Antônio conseguiu um emprego para o pai, Gustavo Camilo, como auxiliar de limpeza na hidrelétrica. A família mudou-se, então, da zona rural de Guaxupé, no sul de Minas, para a vila residencial da Empresa, em São José da Barra (MG).

Como num roteiro de cinema, este fato pode ser considerado um ponto de virada na saga dos Moraes. Sem ter que caminhar uma légua até a escola ou ajudar os pais na roça, os nove filhos de seu Gustavo e dona Maria de Lourdes passaram a viver numa casa confortável e a contar com educação de qualidade. Assim, escreveram, cada um a seu modo, uma história de ascensão social em que se destaca a gratidão a FURNAS.

Dona Maria de Lourdes,
seu Gustavo e os nove filhos

Na conta feita por Gilberto, nos mais de 200 anos de dedicação à Empresa, entram os irmãos Ari Roberto, Pedro Reinaldo, José Maria e Francisco Lourival; o cunhado Wagner Faleiros; e o sobrinho Roberto. “Para mim, é um luxo poder dizer que trabalhei a vida toda aqui. Nunca me faltou nada: conforto, saúde e ocupação, minha ou da minha família. E isso, desde que me conheço por gente, ou seja, desde os meus 2 anos. Não passei as dificuldades que os meus irmãos viveram na roça”, afirma.

INGRESSO

No final de 1982, o então estudante de Eletrônica foi selecionado para o Curso Técnico Básico (CTB) de Operador, porta de entrada para muitos de sua geração, na Companhia. O curso é ainda realizado nos dias de hoje, no centro de treinamento da Usina de Furnas.

Foto: arquivo pessoal



“

As transformações são grandes e rápidas.
Estejam preparados.

”



Gilberto com operadores da Usina Luiz Carlos Barreto de Carvalho (foto no alto) e com antigos companheiros da Hidrelétrica Mascarenhas de Moraes, onde começou sua carreira

O supervisor, que crescera na Vila de Estreito, em Pedregulho (SP) – para onde a família se transferiu, ainda na década de 1960, por conta da construção da Hidrelétrica Luiz Carlos Barreto de Carvalho –, desejava concluir o curso e iniciar a vida profissional na usina. Entretanto, terminada a formação no CTB, foi destacado, em 1983, para a Usina Marechal Mascarenhas de Moraes (MG), à época denominada Peixoto. Ele não se arrepende da experiência.

“Conhecer a Mascarenhas de Moraes foi muito bom. Ela tem quatro modelos de usina em sua estrutura”, conta o empregado, fazendo referência às diferentes tecnolo-



Fotos: arquivo pessoal

Recordação do Curso Técnico Básico (CTB), em 1983

gias dos geradores que compõem a casa de força da hidrelétrica, implantados em períodos distintos para expandir a capacidade instalada da unidade.

ESTREITO

Em 1988, Gilberto transferiu-se para a Usina Luiz Carlos Barreto de Carvalho, voltando a residir na vila onde passou a maior parte da infância e a adolescência. De lá, não pretende sair nem mesmo com a aposentadoria no final deste ano.

O expediente na sala de controle da usina se estendeu até 2002, quando foi promovido a supervisor. Na nova função, deixou as escalas de turno, o que considera o pior aspecto da função de operador.

Segundo ele, o monitoramento em “tempo real” dos geradores e linhas de transmissão desperta muita adrenalina. “Houve momentos, como em 2002, em que a falta de energia elétrica fazia com que a gente passas-

O supervisor e a esposa, Lucília, com os filhos ainda pequenos: Guilherme (hoje com 30 anos) e Victor (25)



se aperto. Não é fácil lidar, em tempo real, com todo o sistema elétrico brasileiro. Nessas horas a gente se sente pequeno. Mas é um grande aprendizado.”

Como supervisor, algumas de suas tarefas são a revisão dos procedimentos operacionais, a elaboração de relatórios, tramitação de documentos e o zelo pela segurança dos técnicos. Gilberto conta que a necessidade de conciliar divergências e exigir o cumprimento de normas lhe tornou uma pessoa mais paciente. “Nossa função é facilitar as coisas para os operadores, para que seu trabalho seja bem-sucedido”, explica. “Não tem como contentar a todos. De início, eu achava que tinha, mas a vida me ensinou o contrário.”

TRANSFORMAÇÃO

Sobre as mudanças que ocorreram na Companhia nos últimos 35 anos – muitas das quais decorrentes dos ajustes institucionais e regulatórios do setor elétrico nacional –, Gilberto sintetiza o processo de transformação de uma forma peculiar: “Eu entrei numa empresa e estou saindo de outra. Essa é a verdade.”

Entretanto, de acordo com ele, duas coisas não se modificaram durante este período: a preocupação de FURNAS com a segurança de seus técnicos; e as oportunidades de aprimoramento e ascensão profissional oferecidas aos colaboradores.

Por isso, recomenda aos empregados que ainda têm uma longa jornada na Companhia: “Nunca faltará oportunidades para vocês. Mas as mudanças são grandes e rápidas. Estejam preparados, não fiquem paralisados.”

MÚSICA

Simpático e comunicativo, Gilberto tem como *hobby* a música. Cantou e tocou violão em barzinhos de Franca (SP). Também integrou, durante algum tempo, uma banda que animava festas e bailes de carnaval na região. Num dos festivais musicais de FURNAS, destinado à integração dos empregados da Companhia, representou o polo Minas/São Paulo na final da competição, ocorrida no Rio de Janeiro. MPB, *rock* e *pop* são seus ritmos preferidos.

Assim como no trabalho, a família também influenciou Gilberto na paixão pela música. Num hotel reservado todos os anos, especialmente para o grupo, as festas de Natal dos Moraes têm como ponto alto saraus em que os irmãos, filhos e sobrinhos se revezam no palco.

Casado com Lucília, Gilberto conta também, em casa, com a companhia dos filhos Guilherme Henrique (30 anos) e Victor Henrique (25), para dedilhar canções ao violão.

Com a aposentadoria que se avizinha, o colaborador faz planos de se dedicar à área de entretenimento. Planeja ter um espaço para promover *shows* e eventos, contratando artistas e dirigindo a produção musical da casa. Mas isso, ressalta ele, ocorrerá apenas depois que se cansar de relaxar e viajar com a esposa Lucília.

GLEDES VIEIRA DO PRADO

UMA HISTÓRIA DE SUCESSO

Gledes Vieira do Prado, goiana de Itumbiara, sem pressa de encerrar suas atividades em FURNAS, reconhece que sua trajetória profissional é uma história de sucesso. Ela recorda que foram dois amigos, empregados na Usina Hidrelétrica de Itumbiara (MG/GO), que lhe avisaram sobre a seleção de candidatas na Empresa. Relutante, pois o local de trabalho era distante de sua residência, Gledes resolveu arriscar. Ponto para ela, que deu o pontapé inicial em uma carreira marcada pelo enorme desejo de evoluir profissionalmente. “Peguei o ônibus debaixo de um calor de 40 graus e lá fui eu”, lembra.

Eram 23 postulantes a uma vaga, e ela foi a selecionada. Depois de aprovada nas pro-

vas de datilografia e conhecimentos gerais, chegou a hora da entrevista com o então chefe da hidrelétrica, Armando Cosenza. “O que me valeu durante a conversa foi a leitura de uma matéria na revista *Nova*, que orientava como se comportar em situações como aquela”, conta a colaboradora sobre o bate-papo com seu primeiro gestor.

MUDANÇA

A funcionária permaneceu em Itumbiara de 1982 a 1988. Começou no setor de Expediente e mais tarde ocupou o cargo de secretária, no lugar de uma colega que pedira demissão. Depois de seis anos na usina, rumou para o Escritório Central, no Rio de Janeiro.

Gledes (de macacão azul, na foto abaixo; e de vestido verde, à direita) com a equipe da Usina de Itumbiara, nos anos 1980



Fotos: arquivo pessoal

“

Vamos acreditar na Empresa,
vamos acreditar no Brasil.

”

“Ocupei um posto na Diretoria de Produção e Comercialização de Energia Elétrica (atual Operação e Manutenção). Depois, fui convidada para outra diretoria, a de Administração e Suprimentos (hoje, Administração) e, em seguida, me transferi para a Diretoria da Presidência, onde trabalhei na Assessoria de Comunicação Social, nas áreas administrativa e de publicidade”, sintetiza.

A vinda para a “cidade grande” significou uma abertura de portas, como ela relata: “Fiz faculdade de Propaganda e Marketing e pós-graduação, cursos que não existiam em Itumbiara.”

Em 2005, a inquieta Gledes – sempre à procura de novas oportunidades e conhecimentos – transferiu-se para a Eletrobras, onde permaneceu até 2017, retornando então a FURNAS para atuar na Ouvidoria. Apesar dessa experiência fora da Empresa, admite que seu coração sempre foi furniano: “Boa parte da minha vida foi passada aqui dentro. Casei e sou mãe do Alexandre, formado em Administração de Empresas.”



Em 2001, o filho Alexandre, com 9 anos, mostrou sua paixão pelo Flamengo na revista *Linha Direta*; na página seguinte, em foto recente com a mãe



ORGULHO

Gledes recorda que em 2001, o filho – então com 9 anos – apareceu numa matéria da revista *Linha Direta*, antigo veículo de comunicação interna de FURNAS. “Alexandre sempre torceu pelo Flamengo e fazia parte da escolinha do time de coração, atuando como atacante. Queria ser jogador e seu ídolo era Romário. Ele foi fotografado com a camisa do clube, cheio de medalhas conquistadas em jogos dos quais participara”, relembra Gledes, num misto de orgulho e saudosismo.

De forma sucinta, ela analisa sua trajetória em FURNAS: “Considero-me vitoriosa, pois sempre busquei desafios, dei o melhor de mim e superei as dificuldades que surgiram durante todas essas décadas.”

Para o futuro, quando deixar FURNAS, Gledes tem uma única certeza: “Vou estudar inglês e francês. Já comecei milhares de vezes e sempre interrompi, por causa dos horários incompatíveis com as minhas atividades profissionais e pessoais.” Mas enquanto esse dia não chega, ela dá um recado para os que aqui estão ingressando: “Vamos acreditar na Empresa, vamos acreditar no Brasil.”

Fotos: arquivo pessoal



JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO MOURA

**ENERGIA NA VIDA
E NO TRABALHO**

Dos 37 anos de trabalho em FURNAS – sendo 11 meses como contratado, como faz questão de frisar –, José Carlos do Nascimento Moura atuou por 31 na Auditoria Interna. O caminho até a função de auditor, no entanto, começou na Subestação de Adrianópolis (RJ), como auxiliar administrativo. “Entrei na Empresa em setembro de 1981, aos 23 anos, por meio de um recrutamento local. Fiquei na subestação até surgir uma seleção para duas vagas: de auditor junior e assistente do Departamento Jurídico”, lembra.

A prova de datilografia derrubou sua chance na área jurídica. “Não passei na prova final, que era datilografar o texto de um advogado. Mas o pessoal da auditoria gostou do meu desempenho e me chamou para a entrevista”, conta.

LUTA

Em 1998, como agora, a sombra da privatização também rondava FURNAS. Moura fala com orgulho da força e luta dos empregados contra a proposta. “O corpo técnico mostrou que éramos capazes de sustentar a Empresa. Foi uma

batalha única. Todos os trabalhadores estavam comprometidos. Temos de lutar por FURNAS. Acho que estamos perdendo a identidade com a Companhia. Hoje, as coisas estão muito imediatistas. Tudo tem seu tempo de maturação. O imediatismo acaba com o planejamento”, lamenta.

Casado com Selma José Henrique Moura, pai de Lisiane e Letícia, avô de Miguel e Luísa, o auditor faz questão de reconhecer que deve à Empresa tudo o que conquistou em sua vida, como a família, o profissionalismo e o senso de responsabilidade.



O funcionário recebe condecoração ao completar dez anos de trabalho em FURNAS, em 1991

Foto: arquivo pessoal

“

Amo aquilo que faço
e ainda tenho muito gás.

”

“

Quando atravesso o portão da Empresa, dou o meu melhor.

”

Trabalho de auditoria no extinto Escritório de Ivaiporã, no Paraná



Hoje, são seus maiores desafios a atualização constante e o repasse de conhecimento. “O conhecimento só é válido quando você consegue transmiti-lo para os novos colaboradores”, afirma.

AUDITORIA

Moura desmistifica a ideia de que o trabalho de auditoria é burocrático e monótono. “Cada auditoria é um trabalho novo. Mesmo com 30 anos de experiência, cada dia é diferente. Todos os processos da Empresa são passíveis de auditoria. Gosto do meu trabalho, temos uma equipe afinada. Amo aquilo que faço e ainda tenho muito gás. Quando atravesso o portão da Empresa, dou o meu melhor”, diz com firmeza.

Ao contrário do que se imagina de um auditor, que lida o tempo todo com números, Moura é um botafoguense apaixonado por futebol e faz parte do grupo de corrida de rua da Empresa. “Isso já me custou quatro parafusos no joelho, mas não desisti e continuo jogando e correndo”, orgulha-se.

Do signo de Escorpião, nascido no dia 15 de novembro, ele se descreve como uma pessoa conciliadora. “Confio muito nos outros, mas acho que tenho de aprender a escutar mais. Todos os dias, me proponho a isto. Porém, sou muito ansioso”, reconhece.



À esquerda, família reunida para o batizado dos netos Miguel e Luísa; abaixo, Moura participa de corrida de rua com o amigo Oswaldo Farelli

Candidato a diretor da Fundação Real Grandeza na última eleição, Moura confessa que a experiência foi desagradável. “Não se pode misturar política nesse processo. Houve muita interferência. Foi um aprendizado. Fiz a campanha sozinho. Viajei dirigindo o meu carro do Rio a Goiânia, passando por Ribeirão Preto, Campinas e Mogi das Cruzes.”

Mesmo assim, ele acredita que o importante é sempre se dedicar ao que faz. Em algum momento, de acordo com o funcionário, alguém reconhecerá o esforço.

Fotos: arquivo pessoal



JOSÉ CHRIZANTO LIPPI DA CONCEIÇÃO

DA PRÁTICA À TEORIA

A experiência em manutenção eletromecânica na Fios e Cabos Plásticos do Brasil (Ficab) ajudou José Chrizanto Lippi da Conceição no início da carreira em FURNAS. “Em 28 de junho de 1982, comecei na Superintendência de Operação, na antiga Divisão de Diagramação e Dados da Operação”, lembra ele, sorrindo, como se estivesse vivendo, no momento da entrevista, as mesmas sensações daquele dia longínquo.

Chrizanto entrou na Empresa como profissional de nível médio em Manutenção e Operação, para trabalhar com o levantamento de índices de desempenho dos equipamentos da Diretoria de Operação e Manutenção (DO). Ele adequava as informações ao protocolo da Comissão de Integração Elétrica Regional (CIER), órgão internacional que padroniza a linguagem de dados do sistema elétrico.

“O desligamento de uma linha de transmissão requer uma série de procedimentos, até que ela seja efetivamente desconectada. E era exatamente esse passo a passo que eu adequava aos relatórios da CIER, formando um banco de dados com informações estratégicas para as tomadas de decisão”, explica. Por isso, não teve dificuldades em descrever processos que ele conhecia na

prática, quando atuava na Ficab. “Lá, eu trabalhava no chão de fábrica, na produção de equipamentos, o que facilitou minha transição para a área de Estatística. Pude juntar esses dois universos”, relata.

DIAGRAMAS

Entre os anos de 1995 e 1996, Chrizanto passou a trabalhar com diagramas unifilares. “Um sistema computacional de desenhos e controle do diagrama esquemático das subestações e usinas de FURNAS ou de terceiros. Uma espécie de planta baixa da casa”, traduz. Por exemplo, se uma subestação tem de ser ampliada para instalação de um novo banco de capacitores, isto tem que constar do gráfico.

E foi a partir desta nova função que Chrizanto e seu companheiro de trabalho, Euclair Gonçalves Bragança, percorreram todas as áreas regionais, a fim de manter os esquemas atualizados. “Éramos conhecidos como Cosme e Damião”, conta.

José Chrizanto cursou alguns anos de Engenharia Elétrica e graduou-se em Matemática, já trabalhando na Empresa. Ele comemora a chegada do Geographic Information System, (GIS, na sigla em inglês), sistema que alia

66

Quando temos pessoas tão maravilhosas
para compartilhar nossa vida,
tudo é mais belo e alegre.

99



Chrizanto casou-se com Marnise (no alto, à esquerda) em 1988; à direita, o colaborador com os filhos Leonardo e José Henrique ainda pequenos; abaixo, os irmãos já adultos, na formatura do caçula

Fotos: arquivo pessoal





Viagem de inspeção à Usina de Itumbiara, em 1997, para a confecção de diagrama unifilar

hardware, software e informação espacial, na atualização do comportamento dos equipamentos, em tempo real. “Antes, levávamos de sete a oito dias para concluir o processo entre a área de Manutenção e a chegada dos dados atualizados ao usuário. Hoje, isso se dá em tempo real”, revela.

Atualmente, Chrizanto trabalha na Assessoria de Apoio à Gestão Técnica, com o desafio de manter o banco de dados atualizado e com informações precisas para os usuários, que incluem não só colaboradores da DO, mas também das diretorias de Gestão de Novos Negócios e de Participações e de Engenharia.

ALICERCE

Esteio, fundação... Assim Chrizanto define o papel da Empresa em sua vida profissional e pessoal. Casado com a professora Marnise, pai do engenheiro elétrico José Henrique e do administrador Leonardo, ele se emociona ao explicar o significado de FURNAS em sua vida.

Aos 12 anos, Leonardo foi diagnosticado com Linfoma de Hodgkin (um tipo de

tumor nos gânglios linfáticos) e teve que se submeter a sessões de radioterapia no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. FURNAS liberou Chrizanto para trabalhar no escritório da capital paulista por três meses, enquanto acompanhava, junto com a esposa, o tratamento do filho caçula. Hoje, aos 23 anos, Leonardo está curado.

Chrizanto também atribui à família o apoio que obteve para atravessar essa fase tão difícil. “Quando temos pessoas tão maravilhosas para compartilhar nossa vida, tudo é mais belo e alegre.”

Ainda com alguns anos de trabalho pela frente, Chrizanto não tem uma resposta pronta sobre o que pretende fazer quando se aposentar. Porém, está convicto de como quer estar, quando este dia chegar: “Com saúde e sempre motivado.”

Para os novos empregados, Chrizanto elenca o comprometimento como uma das habilidades a ser impressa no dia a dia de cada profissional. “Se cada um realizar suas tarefas com empenho e dedicação, vai fazer a Empresa prosperar e cumprir seu destino de expandir fronteiras”, afirma.

JOSÉ DUTRA MARTINS

DEDICAÇÃO E CONQUISTAS

José Dutra Martins fala com calma sobre sua vida profissional. Nascido em Bicas (MG), município com 13.653 habitantes, segundo o Censo IBGE/2010, ele demonstra traços da mineirice descrita por Carlos Drummond de Andrade: “Ser Mineiro é não dizer o que faz, nem o que vai fazer, é fingir que não sabe aquilo que sabe, é falar pouco e escutar muito, é passar por bobo e ser inteligente.”

Mineiramente, José lembra que deixou sua pequena cidade para cursar Engenharia Elétrica na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG): “Logo ali, depois de Bicas”, diz.

Formou-se em 1979 e, nesta época, a oferta de empregos era escassa. Depois de muito procurar, foi admitido numa fábrica de caldeiras em Itu, no interior paulista. Passado um ano, foi trabalhar numa empresa de Piracicaba (SP).

Nesse período, surgiu a oportunidade de cursar Engenharia de Segurança do Trabalho, na Universidade de Campinas (SP). Ao concluir o curso, mudou novamente de emprego. “Lendo os classificados, deparei-me com uma convocação para trabalhar em São Paulo, na Nife Brasil Sistemas Elétricos, empresa sueca

que fabricava baterias e carregadores. Considero este o meu primeiro emprego, de fato, pois nos anteriores permaneci pouco mais de um ano em cada empresa.”

MOTIVAÇÃO

A Nife era fornecedora de produtos e serviços para o setor elétrico e ganhou uma concorrência para atender às subestações de Foz do Iguaçu (PR) e Ibiúna (SP). “Fomos classificados para fornecer bancos de baterias e carregadores para essas duas novas unidades de FURNAS. Meu irmão trabalhava na Promon Engenharia, projetista responsável pelo Sistema de Transmissão em Corrente Contínua da Usina de Itaipu (HVDC). Ele, então, falou sobre mim com o gerente de Foz. Depois de entrevista no Escritório Central, fiz todo processo de adaptação nas subestações de Ibiúna e Guarulhos (SP) durante um ano, em 1983.”

Em janeiro de 1984, José passou a integrar os quadros da Subestação de Foz do Iguaçu. Já casado com Rosana Motta, foram morar na Vila de Itaipu. “Fui para a Seção de Equipamentos. Estava muito motivado com este novo desafio e com a possibilidade de poder atuar numa empresa do porte e renome de FURNAS”, conta.

66

Conhecer as unidades de FURNAS e poder fazer uma extensa e sólida rede de relacionamentos foi muito bom.

99



José e técnicos do Escritório Central, durante visita à Usina de Marimbondo (acima); o colaborador (primeiro à esquerda, agachado) integrou a equipe do Projeto Sintonia, de implantação do SAP-ERP

RECOMEÇO

Dutra ficou no Paraná até agosto de 1987. “Pedi transferência para o Escritório Central, indo trabalhar na antiga Divisão de Supervisão e Controle”, revela. Junto com a esposa Rosana e a filha Larissa, que nasceu em Foz do Iguaçu e hoje tem 32 anos, José começou uma nova fase em FURNAS e na vida. No Rio de Janeiro, nasceu o segundo filho, Lucas, agora com 26 anos.

As atividades de ajustes das proteções dos serviços auxiliares e de equipamentos das subestações e usinas levaram o engenheiro a viajar pelo país. “Conhecer as unidades de FURNAS e poder fazer uma extensa e sólida rede de relacionamentos foi muito bom”, comenta.

Em 1993, surgiria mais uma oportunidade para José, ao ser indicado pela Empresa para fazer uma pós-graduação sobre Sistema de Potência, na antiga Escola Federal de Engenharia de Itajubá (Efei) – hoje, Universidade Federal de Itajubá (Unefei). Um ano depois, após concluir o curso, começou a trabalhar na área de Supervisão e Controle.

Em 2009, nova oportunidade e desafios, ao ser designado por seu gerente para compor a equipe de implantação do sistema SAP. “Foi uma época muito boa. A equipe estava motivada e aprendi bastante sobre a gestão desta ferramenta de trabalho.”



Fotos: arquivo pessoal

Casamento do filho Lucas: José, ao lado da esposa, Rosana; da filha Larissa (à direita) e da noiva

APRENDIZADO

Ao concluir suas atividades no SAP, José voltou para a área de Supervisão e Controle. No final de 2013, passou a trabalhar na Divisão de Análise de Proteção, que ressalta ser uma unidade estratégica para os negócios de FURNAS. “Somos responsáveis pela análise de ocorrências e sugerimos procedimentos para corrigir falhas, além de participarmos da execução dos testes de comissionamento, antes da energização de uma linha ou equipamento. Após uma perturbação com desligamento de linhas, máquinas ou equipamentos, fazemos um estudo completo para entender as ocorrências e encaminhamos essas informações ao Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS).”



Para os empregados que estão chegando, José Dutra Martins recomenda um caminho que avalia como o melhor: “Quem optar pela área de Proteção e Controle, tem de se dedicar muito. Deve estar sempre estudando, buscando novos conhecimentos, aprendendo com as ocorrências passadas e, também, estar preparado para os desafios que surgem na vida profissional e pessoal.”

LUCIMAR BRITO DE SOUZA

**TRÍADE DO SUCESSO:
DEDICAÇÃO, FAMÍLIA E AMIZADE**

Caçula de uma família de 12 irmãos (nove mulheres e três homens), frutos da união de seu Antenor e dona Helena; mãe de Igor e Caio, de 25 e 21 anos, respectivamente, Lucimar Brito de Souza é moradora de Niterói, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Ao final de 2018, completará 35 anos dedicados a FURNAS e, como ela própria diz, sairá orgulhosa por ter feito parte da história da Empresa.

Atualmente lotada na Gerência de Licenciamento Ambiental, ela lembra, com carinho, de sua trajetória. Chegou a FURNAS através de sua irmã Laise. E Guiomar, outra irmã, também trabalhava aqui. Em janeiro de 1983, ingressou na antiga Divisão de Ação Comunitária, permanecendo 11 meses como contratada. Participou de um recrutamento interno na Empresa e, em 1º de dezembro do mesmo ano, foi efetivada como datilógrafa no Departamento de Segurança e Higiene Industrial (DSH.G).

“Como datilógrafa, eu era muito eficiente. Naquela época, as correspondências eram datilografadas em várias vias, de papel fininho e todas com carbono. Eu conferia, junto com a Wanda Veríssimo, as cartas que os técnicos escreviam e fazíamos as devidas correções. Wanda ficava admirada com meu conhecimento”, relata Lucimar.

Na busca de crescimento profissional, participou de uma nova seleção. Dessa vez,

passou a exercer a função de assistente administrativa, na Auditoria. Entretanto, uma solicitação do gerente do DSH.G, à época, Paulo Carneiro, fez com que retornasse ao antigo departamento.

MEIO AMBIENTE

Mais uma mudança começou a ser desenhada, enquanto cumpria licença-maternidade de seu filho mais velho. Recebeu, de uma amiga, um convite para compor a equipe da secretaria do Departamento de Meio Ambiente.

Permaneceu lá por uma década. Com a criação da Diretoria de Relações Institucionais, foi nomeada secretária da então superintendente Norma Villela. “Ser a única secretária da Superintendência de Gestão Ambiental foi meu maior desafio. Fazia todo o trabalho administrativo e contatos com órgãos ambientais, Ministério Público e Ministério do Meio Ambiente”, revela.

Recordações do início da carreira, no antigo Departamento de Saúde e Segurança Industrial



Fotos: arquivo pessoal

“

Ser a única secretária da Superintendência de Gestão Ambiental foi meu maior desafio.

”



Momento de confraternização com os amigos da área de Meio Ambiente



Lucimar com seus últimos gestores: Grace Drummond (à esquerda), Marcia Sena e Drausio Belote



Norma Villela, Mariângela Danemberg e Lucimar



Almoço com as amigas inseparáveis: Maria Luísa Pendilhe, Mônica Carralas e Christiane Coutinho



Registro de passeio ao Campo de São Bento (Niterói), em 1995, com a amiga Mônica e os filhos

A diretoria acabou, Norma se aposentou e Mariângela Danemberg assumiu a gerência da Assessoria de Licenciamento Ambiental. Nesse contexto, Lucimar foi secretariar a assessoria, tendo também como gerentes Vera Paiva, Drausio Belote e Grace Drummond.

CONQUISTAS

O ofício foi exercido com muita dedicação, ao lado de grandes amigos conquistados no ambiente de trabalho. Como não falar de Mônica Carralas, Maria Luísa Pendilhe, Christiane Coutinho, Marcia Sena, Lucimar Altomar, Maria da Conceição (que é também sua co-

madre), e da saudosa Clara Spano? Para cada uma delas, histórias que ficarão registradas em sua memória e coração, para sempre.

A Empresa, que permitiu a Lucimar oferecer, pela primeira vez, um plano de saúde privado aos seus pais, foi responsável por dar toda assistência nos 52 dias mais difíceis de sua vida. Caio, seu filho mais novo, nasceu aos seis meses e ficou internado em uma UTI neonatal nesse período. Foi desenganado várias vezes e precisou de doações de sangue. Colegas de FURNAS não pensaram duas vezes em doar. “São os irmãos de sangue do meu filho”, completa Lucimar.

Caio, que tem perda auditiva, foi inscrito no Programa de Assistência Ambulatorial Multidisciplinar (PAAM). Seu aparelho auditivo foi adquirido através de uma doação da Fundação Real Grandeza. Neste ano, ele termina o Ensino Médio Técnico em uma escola conveniada da Empresa. O primogênito, por sua vez, está cursando graduação em Sistemas de Informação, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

TRANSFORMAÇÃO

O ano de 2018 traz outra marca positiva para Lucimar. Há um ano e quatro meses, após se submeter a uma cirurgia bariátrica, ela comemora a perda de 36 quilos.

“Era uma cirurgia programada. Depois dos meus filhos, foi a melhor coisa que fiz na vida. Hoje posso me arrumar, estou me sentindo bonita. Parei de fumar, faltando um mês para o procedimento. Também não sei mais o que é beber Coca-Cola. Tudo isso, devo aos benefícios que tenho aqui”, conta, com entusiasmo.

E sobre o futuro? Lucimar dá uma pista.

“Não sei se estou preparada para estar lá fora. É estranho não ter um endereço comercial. Enquanto as pessoas gostam de viajar, eu amo organizar festividades. Fiz todas as festas dos meus filhos e a comemoração dos meus 50 anos. Todos falam que eu preciso me dedicar a este mundo de eventos”, reflete.

Fotos: arquivo pessoal



No alto, com o recém-nascido Caio: solidariedade e superação; ao lado, recebendo o carinho dos filhos; abaixo, a colaboradora reunida com os 11 irmãos, na festa dos seus 50 anos



LUIZ OTÁVIO DE SOUZA ARAÚJO

**EMPRESA ELEITA
PARA TRABALHAR**

Com um semblante e discurso tranquilos, refletindo a serenidade de quem superou desafios ao longo da vida, Luiz Otávio de Souza Araújo se emociona e transborda de alegria quando fala de seus primeiros netos, os gêmeos Lucca e Lara. A aposentadoria lhe permitiu mais tempo para se dedicar aos pequenos. “Ser avô é uma das melhores coisas da vida. Deixei a Empresa justamente num período em que meu filho Caio e minha nora Anna precisavam de ajuda, porque criar dois recém-nascidos, de uma só vez, não é moleza.”

Casado há 32 anos com Maria Tereza, Luiz Otávio tem dois filhos: Caio, com 29 anos; e Juliana, 22. Caio fez estágio de fotografia na área de Comunicação de FURNAS e o pai relembra com carinho a relação de seus rebentos com a Companhia. “Meus filhos participavam de todas as atividades oferecidas, na época, por FURNAS. Eles cresceram respeitando a Empresa e aproveitando as oportunidades que ela nos oferecia, tanto em educação, quanto em saúde e lazer. Um bom exemplo é que eles nasceram nos melhores hospitais de Niterói (RJ). FURNAS nos deu amparo em tudo. Isto proporciona tranquilidade para você trabalhar e exercer suas atividades da melhor forma possível.”

Início

Luiz Otávio entrou para a Empresa em 1982, com apenas 19 anos. Formado em Eletrotécnica dois anos antes, pela Escola Estadual Henrique Lages, em Niterói, lembra de quando teve a chance de fazer parte do quadro de operadores de FURNAS. “Meu irmão, João Benedito, trabalhava na Subestação de São Gonçalo, que pertencia à antiga Companhia de Eletricidade do Estado do Rio de Janeiro (Cerj). Após FURNAS comprar essa subestação, ele foi para a subestação do Escritório Central. Em 1982, um dos operadores se formou em Engenharia e, com isso, surgiu uma vaga. O João me falou dessa oportunidade, então fiz um pequeno concurso e fui selecionado.”

Atuou como operador durante oito anos no Escritório Central, até ser transferido para a equipe da Manutenção Eletroeletrônica da Subestação de Jacarepaguá. Como o Departamento Regional Rio cobria uma extensa área que abrangia, além de Jacarepaguá, Angra dos Reis, Santa Cruz, Grajaú, São Gonçalo, Campos e Vitória (ES), Luiz Otávio não parava de viajar a trabalho.

66

Quando você entra em FURNAS, percebe que é um local onde deve ficar até a aposentadoria. Ela nos dá todo apoio necessário.

99

Os gêmeos Lucca e Lara, xodós do vovô; na página seguinte, Luiz Otávio com a esposa, Maria Tereza, e os filhos Juliana e Caio, na formatura da caçula



Em 1991, a Empresa criou núcleos de Manutenção em que não havia equipes fixas. Luiz Otávio foi designado para Angra dos Reis (RJ), onde permaneceu por três anos. “Morava na Vila de Mambucaba com minha esposa e nosso filho Caio, então com 3 anos. Um local tranquilo e muito bonito.”

DESAFIOS

Na área de Manutenção, ele fazia a instalação de equipamentos de proteção de linhas e de transformadores, além da energização de novas linhas. Para Luiz Otávio, atuar no barramento era um dos momentos mais tensos, pois requeria atenção redobrada devido aos enormes riscos envolvidos.

O técnico destaca outra atividade que também demanda bastante cautela. “A energização de transformadores de potência é um dos momentos em que todos precisam

estar muito atentos. Existe o risco de explosão. Por isso, devemos cumprir rigorosamente os protocolos de segurança.”

Luiz Otávio fala com orgulho de uma ação que considera relevante em sua carreira. Foi quando participou da instalação da nova Subestação de Itaorna, em Angra. “Acredito que um dos trabalhos mais importantes, dos quais participei, foi o da transferência dos equipamentos da sala de controle da Usina Nuclear de Angra, para a nova subestação que FURNAS construiu.”

Emocionado, recorda-se de um momento superdifícil e, com voz embargada, fala daquela época. “Quando saí da Operação no Escritório Central, tive de fazer um curso na Usina de Furnas (MG), para trabalhar na área de Proteção. Precisei deixar a esposa e meu filho ainda pequeno, durante três longas semanas. Um dia, quando liguei para



saber se estava tudo bem, Maria Tereza me falou que o Caio estava internado e muito mal. Fiquei apavorado, não tinha condições de voltar dirigindo para o Rio. Conversei com meu instrutor, que me liberou imediatamente. Wilson Miranda, que fazia o curso comigo, se prontificou a me levar de volta para casa. Até hoje somos amigos. Foi um dos piores momentos da minha vida. Longe de casa, o filho num hospital e eu sem poder ajudar a esposa. Foi bem complicado.”

PAIXÕES

O apoio que recebeu naquele momento não só marcou Luiz Otávio, como também lhe mostrou uma das principais características dos empregados de FURNAS: a solidariedade. “Quando você entra na Empresa, percebe que é um local onde deve ficar até a

aposentadoria. Ela nos dá todo apoio necessário. Além disso, os colegas estão sempre ao seu lado para ajudar nos momentos delicados. Isto é FURNAS, isto é a Empresa que escolhi para trabalhar”, atesta.

Outra paixão de Luiz Otávio é a fotografia. Ele conta que começou a se interessar pela atividade, quando acompanhava a filha em suas apresentações de dança. “Juliana fazia balé e jazz, e seu grupo se apresentava frequentemente. Comprei uma máquina fotográfica para registrar aqueles momentos. Comecei a gostar daquilo, comprei uma máquina melhor e falei com o Caio para fazermos um curso de fotografia. Depois, vieram outros mais avançados. Caio também se empolgou, criou uma conta no Facebook e os trabalhos aumentaram. Hoje, atuamos juntos em vários eventos.”

MARCIO ROGÉRIO BUSSMANN

**QUE VENHAM
NOVOS DESAFIOS**

Catarinense de Joinville e formado pela Escola Técnica Tupy em Mecânica Industrial, Marcio Rogério Bussmann, então com 19 anos, venceu em 1982 a disputa entre os 120 concorrentes, para ocupar uma das quatro vagas oferecidas pela Subestação de Foz do Iguaçu (PR), para a função de operador. “Fui passando nas provas, na entrevista e fiquei entre os primeiros colocados”, orgulha-se.

Naquela época, ele não tinha a menor ideia do que consistia o trabalho de operador. O que realmente o levou de Santa Catarina ao oeste do Paraná foram as oportunidades criadas no mercado de trabalho local, com a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional.

Como a irmã já residia em Foz do Iguaçu, facilitando sua permanência na cidade, Bussmann resolveu fazer a inscrição no concurso de FURNAS. Pode-se dizer, no entanto, que ele não era exatamente um *outsider* do setor elétrico, pois como afirma, já sabia mexer em instalações desse tipo.

REALIZAÇÃO

No início de 1983, ao mesmo tempo em que o colaborador se familiarizava com a profissão, começavam as obras de construção da subestação. Ele lembra que a área era um enorme canteiro, repleto de operários. “Por incrível que pareça, a adaptação foi muito fácil”, conta.

Casado desde 1991 com a cearense Zilda e pai de Nathalia (24 anos), que se forma em Arquitetura e Urbanismo no final deste ano; e Wagner (25), estudante de Engenharia Mecânica, Bussmann se sente realizado por ter dado aos filhos a oportunidade de cursarem o ensino superior.

E também se considera um homem de sorte, por gostar de seu trabalho e conquistar reconhecimento na carreira. De operador, Marcio foi promovido a encarregado de turno, supervisor de operação, tendo 17 técnicos sob a sua coordenação. E em dezembro de 2017, assumiu a gerência da Divisão de Operação de Foz do Iguaçu. “Foi muito gratificante”, admite.

“

Não sei se estou preparado para a aposentadoria. Principalmente agora, quando estou vivendo um momento de novos desafios como gerente.

”

HORA DA DECISÃO

Com 55 anos completados em maio, ele lembra que a decisão mais difícil em sua vida profissional foi quando abriu mão de se desligar da Empresa, por meio do Programa de Aposentadoria Extraordinário (PAE), em 2017. “Não sei se estou preparado para a aposentadoria. Principalmente agora, quando estou vivendo um momento de novos desafios como gerente. Isso me estimula. E minha esposa não simpatiza muito com a ideia de eu me aposentar”, revela o gerente, com sua fala pausada e tranquila.

Como se esses argumentos não bastassem, Marcio admite que o momento de sair da Companhia não é o ideal. Com equipes enxutas, a operação necessita de empregados mais experientes para treinar os mais jovens. E isso leva tempo. “A Subestação de Foz de Iguaçu é muito grande, na verdade, são duas, transmitindo um bloco de carga considerável da geração de Itaipu para o país. E operadores de hidrelétrica, subestação e termelétrica são técnicos que não se encontra com facilidade, no mercado de trabalho.”

De tipo atlético, Marcio não dispensa um futebol com os amigos às quintas e sábados – mesmo com uma lesão aqui, outra ali. Apesar de não ser do Rio de Janeiro, é torcedor declarado do Fluminense.

Ele resume, com orgulho, tudo o que sente em relação a seus 35 anos de FURNAS. “Participar de uma Empresa como esta, passar pelas mais diversas situações políticas e econômicas do país e muitos momentos de satisfação, alegria, tristeza e até frustrações, foi uma oportunidade única. Por isso, digo: valeu!”, afirma. “Reconheço e agradeço a paciência e compreensão de minha esposa e filhos, pelos inúmeros momentos em que tive de priorizar atividades da Empresa e não pude participar da rotina da família. Também agradeço aos companheiros de trabalho, pelos anos de convivência harmoniosa. Alguns deles já se foram ou iniciaram outra caminhada”, reflete.

Segundo Marcio, uma canção que resume suas emoções em relação a FURNAS e aos amigos que fez em sua trajetória na Subestação de Foz do Iguaçu é *Encontros e despedidas*, de Milton Nascimento e Fernando Brant: “A vida se repete na estação, tem gente que chega pra ficar, tem gente que vai pra nunca mais, tem gente que vem e quer voltar, tem gente que vai e quer ficar, tem gente que veio só olhar, tem gente a sorrir e a chorar e assim chegar e partir.”

Partir, não. O objetivo de Bussmann é continuar em FURNAS e participar dos desafios que estão por vir. “Afinal, como gerente de divisão, iniciei ontem. É vida que segue!”, finaliza.

“

Reconheço e agradeço a paciência e compreensão de minha esposa e filhos, pelos inúmeros momentos em que tive de priorizar atividades da Empresa e não pude participar da rotina da família.

”



Foto: Levy Kern

MARCUS VINICIUS VAZ

Foto: Daniela Monteiro

MISSÃO CUMPRIDA

Marcus Vinicius Vaz conta que ainda se sente um “furniano”, apesar de ter se desligado da Empresa – onde começou a trabalhar em 1980 – em dezembro de 2017, quando aderiu ao Plano de Aposentadoria Extraordinária (PAE). A sensação de pertencimento se deve ao fato de ser presidente do Conselho Deliberativo da Fundação Real Grandeza (FRG), fundo de pensão dos funcionários de FURNAS e Eletronuclear, além de conselheiro de uma concessionária privada. “Estou fazendo um pouso suave e ainda tenho pista”, diz.

Ele relembra sua trajetória desde a época em que chegou à Companhia como estagiário, quando ainda cursava Economia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. “Fiz a prova no bandeirão, com um monte de gente que disputava apenas duas vagas. Consegui me classificar e ganhei uma bolsa de cerca de um salário mínimo.”

Ao final do estágio, que durou um ano, foi contratado e, em agosto de 1982, efetivado como assessor Financeiro I. “Em seguida, passei para assessor Financeiro II e tive uma rápida experiência na FRG. Mais tarde, atuei na Divisão de Importação da Empresa e, depois, no Departamento de Operações Financeiras, onde exerci o cargo de assessor.” Ele conta que foi neste setor que teve início sua trajetória de 20 anos como ge-

rente. “Fui chefe de duas divisões, departamento, superintendência e, nos últimos cinco anos, assistente do diretor de Finanças.”

OPORTUNIDADES

Marcus faz questão de dizer que tem a sensação de dever cumprido e de estar totalmente realizado. “Em 38 anos de trabalho, foram muitas as oportunidades de estudar e crescer. Fiz pós-graduação em Finanças, Engenharia Econômica, Administração Financeira e MBA em Energia.”

Além da evolução profissional, ele destaca a relação com os colegas. “A convivência sempre foi muito prazerosa, o que não é comum aí fora, onde os ambientes são bastante competitivos e até mesmo predatórios, em alguns casos. Existe um envolvimento e uma afetividade bem grande. Cada um sabe um pouco da história do outro, compartilhamos e torcemos pela trajetória de nossos amores incondicionais, que são os nossos filhos. Aqui, o conceito é mais de compartilhamento. E isso é muito enriquecedor.” Marcus vai além do relacionamento com os colegas e reconhece que “FURNAS também sempre tratou seus empregados com o maior cuidado e carinho. Um exemplo disso é o que vocês estão fazendo ao editarem essa revista em nossa homenagem”.

“

A convivência em FURNAS sempre foi muito prazerosa, o que não é comum aí fora, onde os ambientes são bastante competitivos e até mesmo predatórios, em alguns casos.

”



Em 2004, Marcus e a equipe que estruturou o Fundo de Investimento em Direitos Creditórios



Amigos homenageiam Marcus Vinicius, após cerimônia do PAE, em 2017; mensagem dos colegas da Diretoria de Finanças

Querido Marcus,

Obrigada pelos ensinamentos de
me trajetória em FURNAS.
Um carinho dos seus amigos

20.12.2017



Marcus Vinicius e a esposa, Jussara, com os filhos (foto ao lado); acima, Dia dos Pais em família

FAMÍLIA

Ao sair do profissional, Marcus coloca o tema filhos como um capítulo à parte. Pai de Frederico, engenheiro de Petróleo da Petrobras; Fabiana, gerente de hotel no exterior; e Camila, advogada em Richmond (EUA) e filha da sua atual mulher, Jussara, Marcus exhibe um a um em fotos, sem esconder o orgulho que sente da prole.

Fabiana e Camila, por morarem fora do Brasil, são as “responsáveis” por muitas das viagens feitas pelo casal e por tantas outras que estão por vir. “Como elas ficam lá fora, já tivemos a oportunidade de ir à China, ao Japão, Canadá... Em setembro, Fabiana estará em Dubai e nós, quem sabe?”

Indagado sobre como gostaria de ver a Empresa nos próximos anos, Marcus faz um retrospecto e uma projeção: “Antigamente, bastava realizar algum empreendimento para a Companhia ser remunerada. Mas o setor elétrico mudou. Precisamos buscar eficiência, envolvimento com parceiros privados e rentabilidade adequada nos negócios. Estamos fazendo cada vez mais, com menos pessoas. Essa performance não se aplica apenas a FURNAS, mas sim, ao mundo dinâmico em que vivemos. Isso tem de ser cuidado com muito zelo.”

Marcus espera que a Empresa “se torne ainda mais competitiva, referência no setor elétrico, e continue a contribuir para o desenvolvimento do país, como vem fazendo ao longo de mais de 60 anos”.

MARIA CRISTINA GONÇALVES DE CARVALHO

**PAIXÃO PELO
TRABALHO**

“Sou uma apaixonada pelo meu trabalho. Ainda me considero produtiva e não penso em aposentadoria.” É dessa maneira que a engenheira eletricista Maria Cristina Gonçalves de Carvalho, há 36 anos em FURNAS, se descreve. Tudo começou em 5 de julho de 1982, conforme conta: “Eu estava há três anos no Centro de Eletrônica da Marinha do Brasil e tinha contato com professores de faculdade que trabalhavam aqui. Um deles me convidou para ingressar na Empresa, onde comecei atuando na antiga Seção de Manutenção.”

Maria Cristina guarda boas lembranças daquela época e recorda quando FURNAS começou a receber os primeiros microcomputadores. “Era um novo desafio. Eu e outros colegas fizemos pós-graduação em Análise de Sistemas e alguns deles chegaram a migrar para a área de Informática. Segui na Operação e a seção onde trabalhava virou

uma divisão voltada para assuntos de telecomunicações. Vieram outras reestruturações, até que me tornei gerente da então Divisão de Manutenção de Telefonia e Telecomunicações, onde permaneci por quatro anos.”

REALIZAÇÃO

Ela conta que desde 2005 coordena a Rede Operativa (por onde trafegam as informações da operação do sistema elétrico, tais como dados de controle e supervisão das usinas e subestações) e, ultimamente, está focada na área de Segurança Cibernética. “Fui nomeada representante da Companhia, junto à Associação das Empresas de Transmissão de Energia Elétrica (Abrate) e à Associação das Empresas Geradoras de Energia Elétrica (Abrage), para tratar desse assunto.” A engenheira reconhece estar vivendo uma ótima fase e, como sempre, realizada com o que faz.

66

Ainda me considero produtiva e não penso em aposentadoria.

99

Atualmente, Maria Cristina é substituta do engenheiro Mario César Nunes Torraca, na Gerência de Sistemas de Telecomunicações. Ela relata que vivenciou muitas mudanças em FURNAS – umas, boas e outras, nem tanto. “Uma coisa que considero positiva foi o enxugamento da Empresa, que era muito inflada. Isso a tornava ineficiente. Hoje, não vejo mais esse problema, principalmente na área de Operação, que é área-fim da empresa.”

Mas como toda moeda tem dois lados, a colaboradora demonstra preocupação com a diminuição do quadro de técnicos, mais ainda no que diz respeito à ponta do sistema, ou seja, nas hidrelétricas e subestações.

Maria Cristina com a equipe responsável pela Rede Operativa de FURNAS



A engenheira reconhece que FURNAS recebeu muita gente nova nos últimos anos, mas que algumas chegam com ideias preconcebidas e modelos preformatados. “Querem aplicar essas noções, sem antes conhecer a Empresa, sua história, seu DNA. Existem conceitos que são bem-vindos, mas que não podem ser empregados indiscriminadamente.”

PLANOS

Apesar de estar fora de cogitação parar de trabalhar agora, Maria Cristina revela que sempre se perguntou o que faria quando se aposentasse, uma vez que esse momento, inevitavelmente, chegará.

As repostas encontradas eram as mais diversas: “Posso fazer Pedagogia e dar aula, mas não sei se tenho esse perfil. Entretanto, não iria para outra empresa. Então, penso em fazer algo fora do Brasil. Eu e meu marido somos descendentes de portugueses e, para nós, o caminho natural será mesmo Portugal. Moro aqui perto e não quero passar pela porta de FURNAS e ficar imaginando o que está acontecendo aqui dentro.”

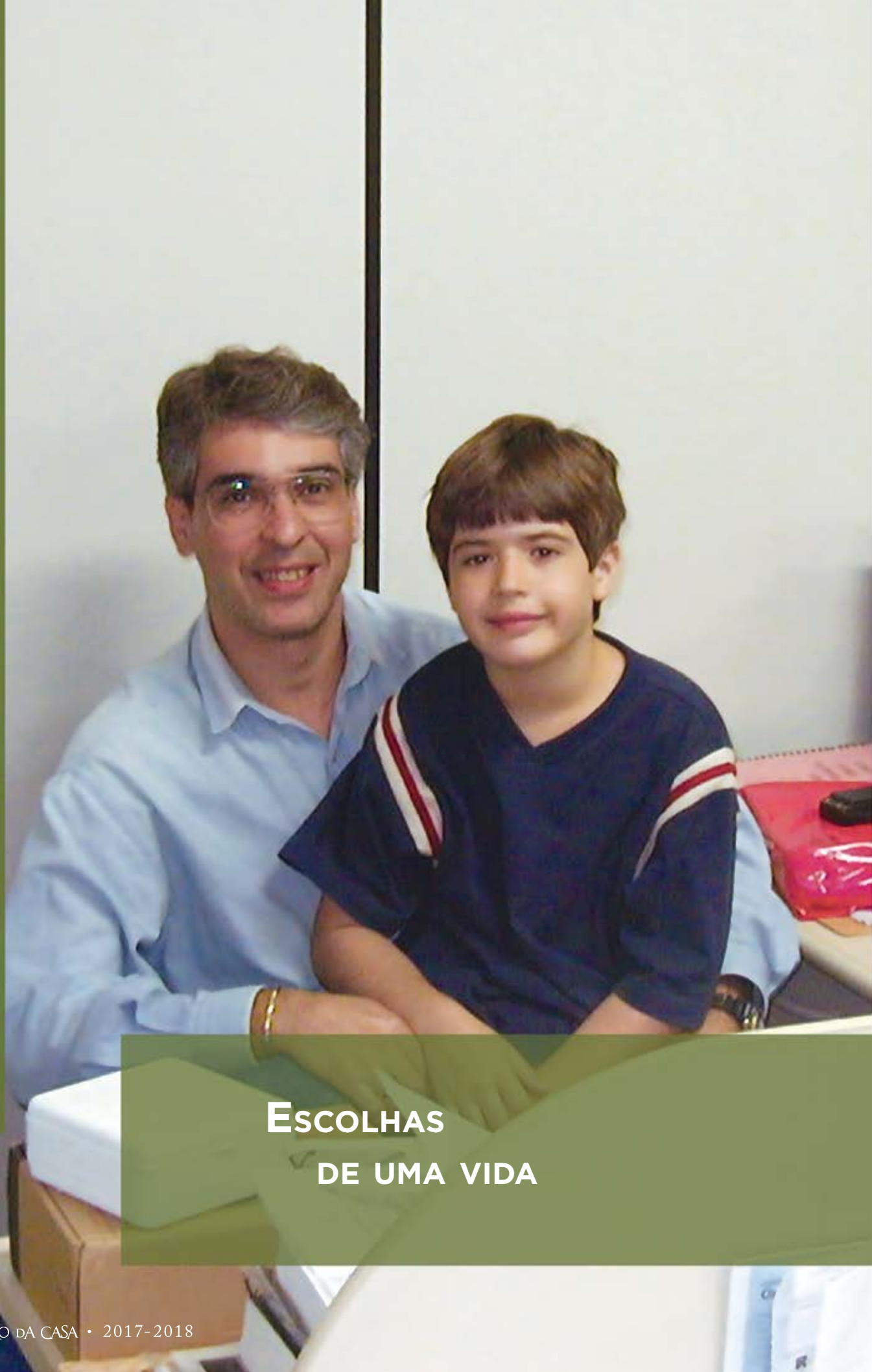
Enquanto esse dia não chega, a engenheira vai seguindo em frente, vislumbrando possibilidades e se engajando com a mesma disposição de quase 40 anos atrás.

Confraternizando com colegas, numa das edições do Encontro Técnico de Telecomunicações (Entese)



Fotos: arquivo pessoal

PAULO RICARDO DA SILVA FERREIRA



ESCOLHAS DE UMA VIDA

Paulo Ricardo da Silva Ferreira foi admitido em FURNAS no mês de setembro de 1982, como engenheiro especialista em Proteção, na antiga Seção de Relés e Instrumentos da Divisão de Transmissão de Adrianópolis (atualmente, Gerência de Produção Nova Iguaçu). Para isso, passou por um processo seletivo, que contou com uma prova cujo tema era a proteção de sistemas elétricos – objeto de seu projeto final da faculdade de Engenharia Elétrica –, além de uma entrevista.

No início da carreira, estava em andamento na Subestação de Adrianópolis o trabalho de aceitação do banco de autotransformadores AT53, de 500/345 kV. “Para um engenheiro recém-formado como eu, era tudo de bom. Ver de perto tudo aquilo que só conhecia através dos livros foi uma experiência muito boa”, lembra. “Importante também foi poder contar com colegas, engenheiros e técnicos, alguns ainda hoje na Empresa, que me deram grande apoio”, reconhece.

Em 1986, Paulo Ricardo concluiu pós-graduação em Análise de Sistemas. Naquele mesmo ano, houve uma reestruturação na então Diretoria de Operação de FURNAS,

que fez sua divisão ganhar *status* de departamento. No início de 1987, chegou ao órgão o primeiro computador. Dois anos depois, a Companhia deu início a um projeto de informatização de suas áreas regionais e o departamento de Paulo Ricardo foi escolhido para piloto. “Como eu estava apto, assumi também a área de Informática – como era conhecida, na época, a Tecnologia da Informação (TI)”, relata o engenheiro.

Paulo Ricardo participou da implantação da primeira Rede Local (LAN) em área regional da Empresa, da divulgação de vários *softwares* e implantação e desenvolvimento de programas, acumulando as funções de engenheiro e analista de sistemas, por um bom tempo.

RETRATO

Carioca da Lapa e casado com a também engenheira Claudia desde 1985, o ex-colaborador é pai de Tiago (na foto da página ao lado e hoje com 27 anos), que estudou Engenharia de Controle e Automação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, atualmente, trabalha no mercado financeiro.

66

Importante também foi poder contar com colegas, engenheiros e técnicos, alguns ainda hoje na Empresa, que me deram grande apoio.

99

Como bom pisciano, Paulo Ricardo não foge à regra. Sua sensibilidade artística se voltou para a fotografia. Um hábito que cultivava desde garoto, quando ganhou a primeira câmera fotográfica. Certa vez, voltando de Cabo Frio, na Região dos Lagos (RJ), conseguiu fotografar através da janela do carro em movimento e enquadrando, com perfeição, três cataventos. “A foto ficou muito boa, bem enquadrada e com foco perfeito”, orgulha-se.

O *hobby* persiste até hoje e o acompanha nas viagens, quando descobre paisagens diferentes. Algumas das imagens que ilustram esta matéria foram clicadas por Paulo Ricardo.

PRAZER

Introspectivo e amante da leitura, ele se declara reservado. “É da minha natureza. Valorizo muito o meu tempo. Não participo de redes sociais, não tenho Facebook ou Instagram”, admite.

Do pai, Paulo Ferreira, falecido em 2008 aos 73 anos, o engenheiro guarda uma grande admiração. “Meu pai era fantástico. Com muito esforço, começou como contínuo e chegou a diretor de uma multinacional.”

Para o ex-colaborador, a opção pela aposentadoria veio naturalmente. “No e-mail de despedida, escrevi: Errei. Acertei. Tive apoio. Apoiei. Aprendi. Ensinei. Trabalhei. Produzi. Mudei de área de atuação. Errei. Acertei. Tive apoio. Apoiei. Aprendi. Ensinei. Trabalhei. Produzi. Foram ciclos. E todo ciclo tem seu fim. Percebi que era a hora.”

Sua filosofia de vida, ele resume em algumas frases: “No momento em que você faz uma escolha, abdica de todas as outras opções. Procuro tirar o melhor daquilo que escolhi. Sou muito autocrítico.”

Sobre a experiência na Empresa, não tem dúvidas: “No tempo em que trabalhei em FURNAS, tive a felicidade de fazer o que me dava prazer.”

Fotos: arquivo pessoal

A fotografia é a forma de expressão artística do ex-colaborador





PAULO ROBERTO ANDRADE



**ORGULHO DE TRABALHAR
EM FURNAS**

Foto: arquivo pessoal

O perador de usina hidrelétrica tem de estar sempre atento, pois qualquer falha numa unidade geradora ou linha de transmissão pode atingir o Sistema Interligado Nacional (SIN) e resultar em corte de energia para os consumidores. “É como diz aquela piada: um olho fechado e o outro, na mala”, brinca Paulo Roberto Andrade, 56 anos, supervisor de Operação da Usina Luiz Carlos Barreto de Carvalho (SP/MG), sobre a rotina dos profissionais.

Paulo conhece com propriedade o trabalho dos técnicos que atuam nas salas de controle das unidades de FURNAS. Em outubro de 1982, após completar o 27º Curso Técnico Básico (CTB), ingressou como operador na hidrelétrica, ainda chamada por seus funcionários de Estreito. Com a experiência adquirida na função, tornou-se chefe de turno e, em 2002, foi promovido a supervisor.

TENSÕES

Em 36 anos de profissão, vivenciou situações tensas, como blecautes que deixaram às escuras grandes áreas do país. Segundo ele, essas perturbações decorrem de sobrecargas no sistema, fazendo com que as proteções de usinas, subestações e linhas atuem para poupar os equipamentos de danos.



Na subestação da hidrelétrica Luiz Carlos Barreto de Carvalho

“Teve um blecaute em que eu estava trabalhando no momento da falha, que desligou todas as máquinas e linhas. O primeiro impacto é o estresse. É preciso retomar a calma para entender o que está acontecendo; e discernimento para normalizar os equipamentos, com base nos procedimentos e normas”, conta.

Noutra ocasião, ao chegar para o turno da noite com sua equipe, Paulo percebeu que até as luzes externas da usina foram afetadas pelo apagão. Segundo ele, com

66

Saio de cabeça erguida e com muito orgulho no coração.

99

Paulo Roberto (em primeiro plano, à direita) e profissionais que atuaram na modernização da Usina Luiz Carlos Barreto de Carvalho



a “cabeça mais fria”, o grupo que iniciava o plantão pôde ajudar os colegas na retomada da operação.

O supervisor revela que costuma lembrar aos jovens operadores sobre sua importância para a sociedade. “Eles precisam ter em mente que, além desta usina, existe uma comunidade, uma população que depende do trabalho deles”, afirma.

TRANSFORMAÇÕES

Nascido em São Sebastião do Paraíso (MG), filho de João Batista Andrade – cozinheiro que trabalhou nas obras de Furnas e Luiz Carlos Barreto de Carvalho –, Paulo foi criado na vila residencial de Estreito, em Pedregulho (SP). Seu grande sonho era trabalhar na hidrelétrica.

Mas a usina que conheceu na infância e no início da carreira não é a mesma de hoje.

Entre 2005 e 2012 a Luiz Carlos Barreto de Carvalho passou por um arrojado projeto de modernização tecnológica, o que propiciou a digitalização de seus controles e proteções. Os relés e painéis de comando analógicos da usina foram substituídos por computadores e monitores.

A modernização foi um trabalho meticuloso que envolveu cerca de 400 técnicos e engenheiros de diferentes firmas de construção e montagem. “Foi um desafio. Era como se você estivesse fazendo uma obra, sem sair da sua casa”, compara Paulo.

Apesar de modificar a rotina dos funcionários, as obras de atualização tecnológica da hidrelétrica transcorreram sem qualquer acidente. Fato que o supervisor atribui ao rigor na observação das normas de segurança, tanto pelas equipes de FURNAS quanto das empresas contratadas.



Fotos: arquivo pessoal



Equipe de futebol de Estreito, na década de 1980: Paulo é o quarto em pé, ao centro

Ao lado, o supervisor com os filhos Pedro Henrique e João Paulo, e a esposa, Denise; acima, à direita, os pais: João Batista e Maria José



QUALIFICAÇÃO

De acordo com o supervisor, o investimento da Empresa na atualização técnica de seus empregados é constante. Por isso, recomenda aos colaboradores mais jovens: “Tenham muita dedicação, porque trabalhar em FURNAS vale a pena. A Empresa oferece muitos cursos e oportunidades de capacitação.”

Paulo é prova das chances de crescimento profissional proporcionadas pela Companhia. Fez cursos de Gestão da Qualidade, que lhe propiciaram até mesmo atuar como auditor de sistemas de gestão, meio ambiente e segurança e saúde ocupacional. Além, é claro, dos treinamentos de reciclagem em operação de sistemas elétricos.

TRANQUILIDADE

Casado com a professora Denise, pai dos engenheiros João Paulo e Pedro Henrique, e avô de Davi Lucas, Paulo se destacou durante muitos anos como meia-atacante na equipe de futebol da usina. Também desempenhou atividades sociais na pacata Vila de Estreito, como diretor do clube local, da associação de veteranos e da creche.

Por isso, conta que não pretende alterar radicalmente seu estilo de vida com a aposentadoria. Continuará residindo na vila e cuidando de sua horta e de seus passarinhos. Outra certeza é a sensação de dever cumprido em seus 36 anos de FURNAS: “Saio de cabeça erguida e com muito orgulho no coração.”

RICARDO COELHO RODRIGUES

**GRATO PELA EVOLUÇÃO
PESSOAL E PROFISSIONAL**

Carioca de Vista Alegre, Zona Norte do Rio, o técnico em Mecânica Ricardo Coelho Rodrigues, conhecido também como Parran, 59 anos – 35 deles trabalhando em FURNAS e aposentado desde o final do ano passado –, revela-se um saudosista que não esquece das muitas amizades nascidas nos cursos, treinamentos, laboratórios, manutenções e viagens a trabalho. “Alguns, não vejo há décadas, mas sempre nos comunicamos. Amigo é coisa muito cara!”, diz ele.

Após cinco anos de estudos técnicos no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e de ter trabalhado em duas empresas – como desenhista projetista de moldes plásticos e operador de máquinas –, Ricardo foi admitido, no dia 20 de setembro de 1982, na Subestação de Adrianópolis (RJ). E teve como grandes incentivadores o supervisor Ivo Rodrigues de Azevedo e seu chefe de divisão, João Carlos Borges. “Desde então, só posso agradecer por minha evolução, graças ao incentivo de meus pais, de meu tio Anselmo e às oportunidades de crescimento pessoal e profissional oferecidas por FURNAS.” Foram muitas especializações e viagens de apoio a manutenções em diver-

sas unidades da Empresa e, em 1990, a transferência para a Gerência de Produção Nova Iguaçu (RJ), conhecida como Km Zero, onde galgou o posto de supervisor.

“Meu então chefe de departamento, Milton Pânico, um profissional da maior competência e cheio de ideias, propôs a mim e ao amigo José Robson Brandão de Oliveira desenvolver um robô, para instalação de esferas de sinalização aérea nas linhas de transmissão, sem necessidade de desligamentos. A intenção era, além de eliminar os riscos de acidentes com helicóptero ou técnicos percorrendo os cabos para-raios, reduzir os custos do serviço”, lembra.

Foto: arquivo pessoal



Os inventores José Robson, Ricardo Coelho e Milton Pânico, com o robô para instalação de esferas de sinalização

“

Me orgulho de ter atuado num dos melhores departamentos de FURNAS, o Departamento de Produção Nova Iguaçu.

”

INOVAÇÕES

O primeiro protótipo foi construído com peças de brinquedos dos filhos dos “inventores”, como eixos, rodas, motor e controle remoto. O sucesso foi tão grande, que FURNAS recebeu a patente do equipamento, no Brasil e no exterior, hoje fabricado pela iniciativa privada. “Milton Pânico, José Robson e eu executamos belos trabalhos juntos e, claro, com o apoio dos colegas da nossa e de outras áreas”, reconhece.

Ricardo destaca, ainda, a parceria com os profissionais da Divisão de Equipamentos de Manobra e Auxiliares, Divisão de Oficina Eletromecânica, Usina de Marimbondo e Subestação de Poços de Caldas.

Outra inovação ocorreu em 1989, quando somente a Companhia Energética de São Paulo (Cesp) realizava, no Brasil, a manutenção especializada dos disjuntores Delile Alstom em laboratório. FURNAS fazia o serviço apenas no campo, dispendendo muito mais tempo e a um custo bem maior.

“Nessa época, fomos à Cesp, em Bauru (SP): eu, Osvaldo Generoso, Eurico Antunes e Ubirajara Silva. Após uma semana de contato com os equipamentos e profissionais locais, absorvemos a tecnologia e a utilização das ferramentas especiais. No retorno, foi montado um laboratório de reparo das cabeças dos disjuntores, na Subestação de Jacarepaguá (RJ). A partir daí, os disjuntores já saíam do laboratório montados, dependendo apenas da montagem das colunas e execução de alguns testes no campo, para serem entregues à Operação.”

Ricardo (de camisa verde-clara) com os colegas da Subestação de Adrianópolis



Ainda sobre disjuntores Delle Alstom, Ricardo teve a ideia de instalar válvulas esferas para isolar pneumaticamente cada fase do disjuntor, baixando muito o custo da manutenção, solução que foi aplicada em todo o Sistema FURNAS.

Também no Km Zero, o técnico participou da montagem de laboratório pioneiro para reparo do bloco de acionamento dos disjuntores; e outro, para reparo de compressores Worthington. Anos depois, estes laboratórios foram transferidos para a DOFE.O, em Minas Gerais. Em reconhecimento à sua experiência na área, o técnico foi convidado para acompanhar testes de compressores na Alemanha e Itália.

GRATIDÃO

Ricardo diz que não poderia deixar de agradecer ao supervisor João Jorge Cosmelli de Oliveira, por ter acreditado sempre em seu trabalho, bem como a todos os competentes profissionais com quem trabalhou nesses 35 anos. “Me orgulho de ter atuado num dos melhores departamentos de FURNAS, o Departamento de Produção Nova Iguaçu”, conclui.

Casado com Rita de Cássia e pai da advogada Laura (28 anos) e do estudante de Engenharia Civil Caio (24), este botafoquense que gosta de sinuca já possuía uma casa na Praia de Ibicuí, em Mangaratiba, no Sul Fluminense. Recentemente, comprou um terreno no local e está construindo casas para alugar. E claro, curtir uma justa e aprazível aposentadoria.

Ricardo e Rita de Cássia, ladeados pelos filhos Laura e Caio

Em visita à Hidrelétrica de Itaipu (PR)



Fotos: arquivo pessoal

SERGIO MARTINS PIRES

Foto: Natália Fernandes

DA CAPITAL MINEIRA PARA
O CORAÇÃO DE FURNAS

Quando estudava Eletromecânica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), o jovem Sergio Martins Pires pretendia iniciar sua vida profissional em Belo Horizonte, onde morava com a família no bairro Renascença. Seu desejo era concluir o curso técnico profissionalizante e ingressar no ensino superior. “Havia me inscrito para uma vaga de estágio na Cemig. Mas meu pai, Roberto, que já era funcionário de FURNAS e trabalhava como motorista da Presidência, no Escritório de Representação de Belo Horizonte, sugeriu que tentasse também estágio na Companhia”, conta ele.

A resistência foi grande. Se aprovado, Sergio trabalharia na Usina de Furnas, no município de São José da Barra (MG). Mesmo na dúvida, Roberto fez a inscrição do filho e o orientou para que ficasse atento e escolhesse a empresa que o convocasse primeiro. “Achei que seria chamado pela Cemig, pois ela tinha convênio com o Cefet”, lembra Pires.

O destino, no entanto, encarregou-se de inverter essa lógica: em 3 de março de 1983, FURNAS convocou o jovem técnico. “Quando cheguei aqui, não tinha ideia da importância das atividades da Empresa para o desenvolvimento do país. Só tenho a agradecer-lá por tudo o que conquistei”, diz ele.

ACOLHIDA

Os primeiros três meses de estágio foram difíceis, por não conhecer a nova cidade. A mãe, Maria Aparecida, era só preocupação. Mas a equipe do extinto setor de Equipamentos, de acordo com Sergio, o acolheu como a um filho. “Percebi que o povo do interior é muito hospitaleiro e receptivo.”

No fim do estágio, em dezembro daquele ano, surgiam vagas por conta da transferência de profissionais de FURNAS para a Usina de Itaipu, na fronteira do Brasil e Paraguai; e para a Subestação de Ivaiporã (PR). Sergio passou por um processo seletivo interno e foi efetivado.

“

Quando cheguei aqui, não tinha ideia da importância das atividades da Empresa para o desenvolvimento do país. Só tenho a agradecer-lá por tudo o que conquistei.

”



Com a esposa Gisele, grande apoiadora de sua carreira; ao lado, curtindo férias com a mulher e as filhas Lorraine, Laiane e Laira



O início de seu ciclo profissional na Empresa coincidiu com a fusão dos setores de Relés e Telecomunicações, que originou a Divisão de Manutenção Eletroeletrônica. Já o setor de Equipamentos, onde Sergio havia estagiado, se uniu às áreas de Mecânica, Elétrica e Linhas de Transmissão, criando a Divisão de Manutenção Eletromecânica.

Sergio permaneceu até 1997 na Eletromecânica. Transferiu-se, então, para a Eletroeletrônica, onde hoje atua como supervisor. Segundo ele, uma marca de sua passagem pela antiga divisão foram os plantões de fim de semana, que possibilitavam maior integração com a equipe.

Um motivo de orgulho para o empregado, em seus 35 anos de Empresa, é ter reali-

zado quase 30 cursos de aprimoramento e capacitação oferecidos pela Companhia – alguns, no Centro de Treinamento da Usina de Furnas (CTFU) e outros, na Usina de Marimbondo (MG/SP).

INTEGRAÇÃO

A participação na equipe de futebol da Associação dos Veteranos de Furnas (AVF) foi outra experiência de integração lembrada por Sergio. “Jogávamos em confraternizações de fim de ano, por exemplo, e era muito bom, porque interagíamos com várias áreas da Empresa”, conta.

Hoje, aos 54 anos, o profissional arrisca um palpite sobre a aposentadoria, ainda sem data definida: vai lecionar disciplinas liga-

Foi o pai, Roberto (na foto abaixo com uma das netas), quem inscreveu Sergio na seleção para estágio em FURNAS; a mãe, Maria Aparecida, à direita



Fotos: arquivo pessoal

das à geração, transmissão e distribuição de energia, na escola técnica localizada na antiga vila residencial da Usina de Furnas. “Gostaria de passar minha experiência e conhecimento para essa garotada que está chegando”, justifica. Em 1995, quando a escola foi inaugurada e o quadro de professores era composto por funcionários de FURNAS, Sergio recebera convite para dar aulas na instituição, mas declinou, pois viajava muito a trabalho.

CUMPLICIDADE

A família sempre foi o grande incentivo de Sergio. Ele conheceu Gisele, esposa e companheira de 26 anos, numa edição do Festival Bola e Viola, que até hoje movimenta a vila

com partidas de futebol e música. “Recebi dela muito apoio, principalmente quando fiz o curso superior de Tecnologia em Geração, Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica, na Unifran, em Franca (SP), a 135 quilômetros de São José da Barra. Foi ela quem me ajudou a seguir em frente.”

Da união, nasceram as filhas Lorraine (24), Laiane (21) e Laira (18). A primogênita estuda Engenharia Civil em Campinas (SP). Formada em Eletrotécnica, ela estagiou na divisão em que o pai trabalha, há cerca de três anos. “Foi um aprendizado e uma troca muito interessantes”, lembra o colaborador. Já Laiane faz curso preparatório para a faculdade de Medicina e a caçula conclui o ensino médio.

SÉRGIO WILSON FERRAZ FONTES



**DE PIONEIRO DA
ERA NUCLEAR A PRESIDENTE
DE FUNDO DE PENSÃO**



Foto: arquivo pessoal

Natural de Engenheiro Paulo de Frontin, no Sul Fluminense (RJ), Sérgio Wilson Ferraz Fontes, 61 anos, atual presidente da Fundação Real Grandeza (FRG), é um dos aposentados de FURNAS homenageados este ano pelo Programa Ouro da Casa. Formado em Engenharia Mecânica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), possui mestrado em Engenharia Nuclear e Planejamento Energético (Coppe/UFRJ), MBA Executivo (Coppead), MBA em Governança Corporativa (Ibmec) e especialização em Sistemas Privados de Aposentadoria, na Wharton School, escola de negócios da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

Em maio de 1982, às voltas com a construção da Usina Angra 1, FURNAS decidiu antecipar-se à burocracia e contratar o jovem engenheiro Sérgio Wilson – em fase final do mestrado em Engenharia Nuclear sobre aquele empreendimento –, por meio da empresa terceirizada Selector. Na época, ele tinha convites de trabalho não só de FURNAS, mas também da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN). “Pesaram o fato de eu não querer ser funcionário público, o projeto nuclear de FURNAS e, claro, salário e benefícios superiores, embora a Participação nos Lucros e Resultados (PLR) tenha sido cancelada para os novos, por alguns anos.”

“

Pesaram o fato de eu não querer ser funcionário público, o projeto nuclear de FURNAS e, claro, salário e benefícios superiores.

”



Acima, Sérgio com a esposa, Valéria, e os filhos Gabriel (à esquerda), Augusto e Eduardo: posse na FRG; na página à direita, Sérgio Wilson celebra com os filhos a chegada do neto Eduardo

SONHO

Já no Departamento de Engenharia Nuclear da antiga Diretoria Técnica, Sérgio Wilson foi efetivado em FURNAS no dia 1º de dezembro de 1982, atuando na análise termo-hidráulica de acidentes nucleares.

“Em computadores enormes, simulava situações como ruptura de tubos do gerador de vapor e seus possíveis impactos na refrigeração do reator, que pudessem liberar radiação ao meio ambiente.”

Com orgulho, ele revela um dado histórico: em 1985, no dia em que Angra 1 entrou em operação comercial, aquele jovem engenheiro estava na sala de controle da usina nuclear trabalhando para que o sonho se tornasse realidade.

TRAJETÓRIA

A partir de 1993, novos desafios se apresentaram e o engenheiro trocou a energia nuclear pela administração da FRG, eleito para a Diretoria de Seguridade, após ter exercido por dois anos a função de conselheiro da entidade.

Em 1996, retornou a FURNAS como assistente da Superintendência de Comunicação e Relações Institucionais, onde permaneceu até 2003, quando assumiu a chefia de gabinete da Presidência da Empresa. De 2005 a 2009, presidiu a FRG, sendo em seguida cedido à Eletrobras, como assistente da Presidência. De volta à Companhia em 2012, para coordenar o projeto de reestruturação PRO-Furnas,



Fotos: arquivo pessoal

foi novamente designado, em 2013, para a chefia de gabinete. Desde o final de 2016, Sérgio Wilson assumiu, pela segunda vez, a Presidência da FRG.

Na fundação, os motivos de orgulho são a recuperação da operação do plano de saúde, depois de algumas turbulências; e o equilíbrio econômico atuarial dos planos de benefícios previdenciários. “Hoje, nosso plano de saúde possui parâmetros operacionais – como atendimento, rede, reclamações, multas e nota de avaliação da Agência Nacional de Saúde (ANS) – entre os melhores do mercado. Regularizada a operacionalização, o desafio, ainda maior, é viabilizá-lo economicamente, atuando no seu custo assistencial”, afirma.

HOBBY

Um problema no joelho afastou Sérgio Wilson de uma de suas paixões: jogar futebol com os colegas de FURNAS, nos campos e quadras da cidade e nas Olimpíadas da Empresa. “Eram muito disputadas as peladas no Clube Caxinguelê, no Jardim Botânico, que acabaram por formar amizades fraternas. Continuo gostando de futebol, mas só na torcida pelo meu Fluminense. Tenho como principal *hobby*, agora, viajar”, conta ele.

Casado com a dentista Valéria Amaral desde 1988, Sérgio Wilson tem dois filhos do primeiro casamento, Augusto (35) e Rafaela (34); dois, do segundo: Eduardo (28) e Gabriel (21); e dois netos: João Pedro (11) e Eduardo (nascido em 30 de julho último).

WAGNER SIRLLEY DE OLIVEIRA DOMINGUES



**SEM ERROS
NEM ROTINA**

Entrevistar Wagner Siriley de Oliveira Domingues não é uma tarefa difícil. O atual gerente da Usina de Serra da Mesa (GO) é daquelas pessoas raras, nos dias de hoje, que com simpatia e eloquência cativantes levam o interlocutor a vivenciar momentos de entusiasmo e a entender que a vida requer um estado de espírito positivo.

Nascido há 58 anos em Botelhos, no sul de Minas Gerais, Wagner foi ainda pequeno para Poços de Caldas (MG), onde conheceu a subestação pertencente a FURNAS. “Meu tio João Lázaro trabalhava na área de Serviços Gerais. Desde pequeno, eu visitava a subestação para brincar no parquinho que existia lá.”

FORMAÇÃO

Em 1982, com 21 anos, Wagner participou de um concurso para FURNAS e, um ano depois, foi para a usina mãe fazer o Curso Técnico Básico (CTB). “Lembro que uma das exigências para cursar o CTB era não ser casado. Durante o curso, me casei com a Elza, pois queria que ela fosse comigo para Minas. O pai dela, muito exigente, falou que somente permitiria à filha sair de casa, casada.” Wagner e Elza tiveram três

filhos: Karine, hoje com 33 anos; Dionathan, 32; e Douglas, 30. Karine lhes deu uma netinha, a pequena Lauren, agora com 4 anos.

Após concluir o CTB, Wagner trabalhou como operador na Subestação Bandeirantes (GO). Depois de oito meses, transferiu-se para a Usina de Porto Colômbia (MG/SP). Lá, permaneceu por 14 anos. “Decidi fazer a faculdade de Engenharia Civil. Minha opção era viajar para Barretos (SP), distante 45 quilômetros de onde morava. Foi penoso trabalhar em turno, fazer o curso e dar atenção à família, mas valeu a pena.”

E justifica a opção pelo curso porque, como operador, não encontrava respostas sobre a construção de uma hidrelétrica. Muito curioso, queria se informar sobre as soluções adotadas pelos especialistas de como barrar um rio, construir uma barragem e instalar os equipamentos. Durante umas férias, conseguiu estágio na construção de Serra da Mesa. “Quando cheguei, estavam realizando os estudos de topografia. Fiquei até a finalização das obras.”

Depois de concluir a faculdade, Wagner foi convidado pelo antigo gerente de Operação de Serra da Mesa, Clóvis Lisante Ca-

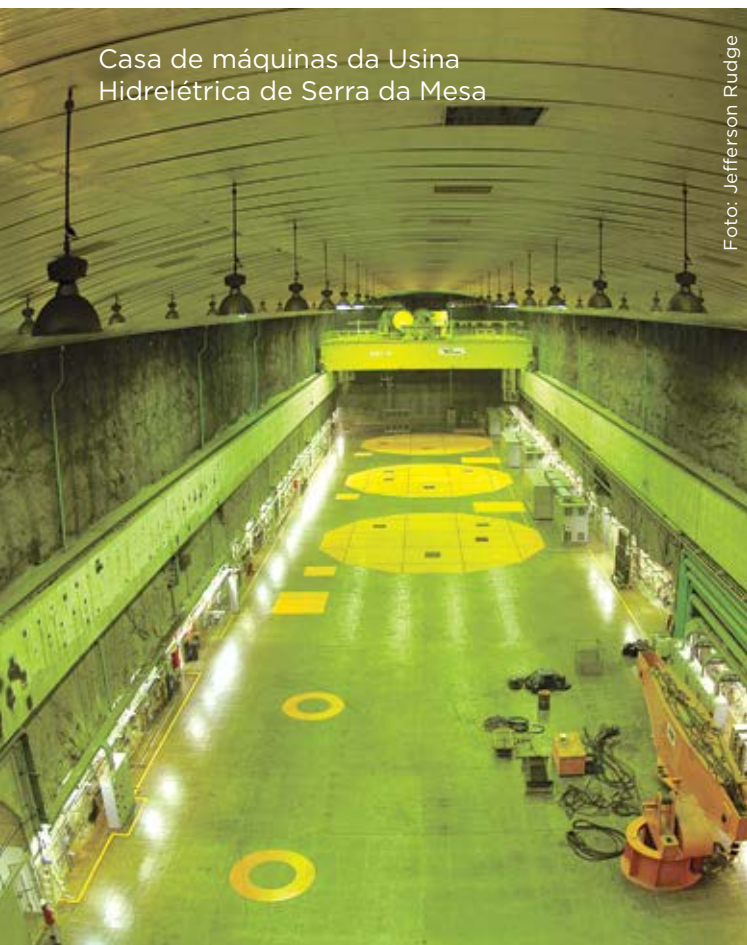
“

Em nosso trabalho, não há espaço para erro e rotina. Todo dia é diferente. Situações que colocam o colaborador à prova são constantes na Operação.

”

Casa de máquinas da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa

Foto: Jefferson Rudge



margo, para fazer parte da equipe da usina. “Em 1997, atuei como operador e, no ano seguinte, passei a chefe de turno. Depois, supervisor. Em 2005, fui promovido a vice-gerente e em 2006 assumi a gerência de Operação das subestações de Barro Alto (GO), Niquelândia (GO) e da Usina de Serra da Mesa. Fiquei nesta função durante dez anos. Hoje, estou à frente da usina e da Subestação de Gurupi (TO).”

OPORTUNIDADES

Wagner ressalta que, ao longo da carreira, buscou sempre estudar e se dedicar às tarefas que lhe eram atribuídas. “Meu pai repetia um ditado que dizia assim: ‘O cavalo selado só passa uma vez à sua frente. Aproveite a chance, pois se ele passar de novo, vai ser sem a sela.’ Procurei seguir este ditame ficando atento às oportunidades que a vida apresenta para todos nós.”

Usina de Serra da Mesa

Edifício de Controle



Wagner elenca características que adquiriu para exercer com profissionalismo seu trabalho. “Para ser operador, o técnico deve ter uma visão e audição aguçadas; um grande autocontrole para enfrentar imprevistos com frieza, calma e segurança; domínio total das atividades; e por fim, saber se expressar para ser bem entendido. Em nosso trabalho, não há espaço para erro e rotina. Todo dia é diferente. Situações que colocam o colaborador à prova são constantes na Operação.”

Ao ser indagado sobre os momentos difíceis, afirma que nunca passou por situações infelizes, mas lembra de toda a preparação para enfrentar o Bug do Milênio, em 2000. “Fizemos uma extensa lista de probabilidades de falhas e apontamos as soluções. Como precisávamos da equipe integralmente, trouxemos nossos familiares para passar o *réveillon* aqui na usina. Graças a Deus, não aconteceu nada de mais. Estávamos apreensivos, mas felizes porque tivemos nossas famílias conosco.”

Família: Wagner com os filhos Douglas, Karine e Dionathan; e a esposa, Elza. Ao lado, a neta Lauren



REFERÊNCIAS

Com entusiasmo, Wagner fala das visitas que a usina recebe. “Aproveito para passar informações, desde a construção da usina e subestações, até aquelas que se referem à Operação. Quando a *Revista Furnas* ainda era editada, distribuía os exemplares que recebia. Era uma forma de demonstrar a importância de FURNAS para o Brasil.”

Solicitado a falar sobre sua relação de amigos, mineiramente sai pela tangente. “É melhor citar pessoas que serviram de referência em minha vida profissional, como o Célio da Silveira Calixto, Fábio Machado Resende, Antônio Abreu (conhecido como Pato Roco), Nilton Fernandez de Souza, meu tio João Lázaro de Oliveira, Clovis Lisante Camargo e Whigney White de Oliveira. Por último, não poderia deixar de apontar o primeiro presidente de FURNAS, John Reginald Cotrin. Apesar de não tê-lo conhecido pessoalmente, é uma referência para todos nós, funcionários que amamos esta Empresa.”

Fotos: arquivo pessoal



WIDSON AUGUSTO MACHADO DOS SANTOS

**CRAQUE NA PROFISSÃO
E NO FUTEBOL**

No início da década de 1980, FURNAS ganhou um operador de termelétrica, ao mesmo tempo em que o Americano Futebol Clube – equipe de Campos (RJ) que disputava a primeira divisão do campeonato estadual – perdia seu cabeça de área.

Recém-formado em Eletrotécnica pela Escola Federal de Campos, Widson Augusto Machado dos Santos resolveu abreviar a carreira no futebol profissional aos 19 anos, para iniciar, em 1º de abril de 1982, o Curso Básico de Operador de Usina Termelétrica (CBOUT) na Usina de Santa Cruz (RJ).

“Eu tentaria um pouco mais, se estivesse na base de um grande clube de São Paulo ou do Rio. Naquela época, o futebol não dava dinheiro como hoje. Além disso, não tive apoio da família. Meu pai sempre dizia: primeiro, o estudo; depois, o futebol”, conta o gerente da Divisão de Operação Campos e Macaé.

“Eu nunca soube o que é desemprego. FURNAS foi minha primeira e única Empresa. Ela me possibilitou ter uma vida digna e dar educação de qualidade aos meus filhos”, completa.

TRAJETÓRIA

A paixão pela bola, no entanto, não foi deixada para escanteio. Quando já trabalhava como operador na Termelétrica de Campos, Widson conciliou, por certo tempo, os turnos na usina com os treinos no Clube Esportivo Rio Branco e no Campos Associação Atlética (“Roxinho”), que participavam da liga de futebol do município. Da época de boleiro, uma de suas melhores recordações é ter jogado no “templo sagrado” do futebol, o Maracanã. Aos 44 anos, ele pendurou as chuteiras nas peladas de fim de semana, por conta de uma lesão no joelho.

A Usina de Campos, no entanto, não foi a primeira unidade de FURNAS em que o empregado atuou. Assim que concluiu o CBOUT, em 1983, Widson foi designado para compor a primeira equipe de operação da Usina Nuclear Angra I, que integrava o parque de geração da Empresa. Ficou lá até 1986, quando surgiu uma vaga para Campos.



Foto: arquivo pessoal

“

A Usina de Campos sempre apresentou desempenho operacional muito satisfatório, quando demandada. Conta com uma potência pequena, mas importante para o setor elétrico.

”



Raphael, a nora Daiana, Widson, Ellen, Eliane, Diego e a nora Nathalia

Na termelétrica do Norte Fluminense, exerceu as funções de operador, chefe de turno e supervisor. Em julho de 2012, assumiu o cargo de gerente. Sua trajetória no Sistema FURNAS contempla também a gerência da Divisão de Operação Espírito Santo, responsável pelas subestações Vitória, Viana 1 e Viana 2.

GESTÃO

Em janeiro deste ano, Widson foi convidado a reassumir a gerência de Campos e Macaé, sendo responsável não só pela termelétrica, mas também pelas subestações de Campos, Macaé, Rocha Leão e Iriri. Casado há 33 anos com a pedagoga Eliane e pai dos engenheiros Rafael (33 anos) e Diego (28), bem como da estudante de Medicina Ellen (19), ele conversou com a família, pesou os prós e contras e decidiu voltar à sua cidade.

O empregado conta que, apesar da cobrança maior, gosta de desempenhar o papel de gestor. “É mais difícil ser gerente do que técnico. Temos de mostrar resultados e somos vistos de forma diferente pelos colegas. Mas no dia a dia, nos adaptamos à rotina”, compara. “Ainda tenho muito gás. Não acho que seja o momento de sair, pois é agora que FURNAS está tendo retorno da minha experiência como gerente. Ainda posso colaborar muito com a Companhia”, relata.

MOTIVAÇÃO

Na Usina de Campos, uma das principais ocupações de Widson é manter a equipe motivada para a realização de manutenções preventivas, que garantem a operação da unidade quando acionada pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). Com a crise hídrica dos últimos anos, a termelétrica pode gerar energia por períodos mais longos, para suprir o mercado de energia.



Álbum com recordações do ex-jogador do Americano Futebol Clube

Fotos: arquivo pessoal



Acima, turma do 12º CBOU, realizado na Usina de Santa Cruz em 1982; ao lado, Widson na Subestação Vitória, onde foi gerente

O colaborador é entusiasta de um projeto de aumento da capacidade instalada da planta, através da implementação do ciclo combinado, em que o vapor resultante da queima do gás natural é aproveitado para produzir eletricidade.

“A Usina de Campos sempre apresentou um desempenho operacional muito satisfatório, quando demandada. Conta com uma potência pequena, mas importante para o setor elétrico. FURNAS tem tudo o que é favorável para fazer um novo investimento na usina, desde que seja um bom negócio para a Empresa”, entusiasma-se, citando a outorga da termelétrica até 2028, a abundância de água e a facilidade de acesso a um ramal de gás da Petrobras, como diferenciais competitivos da termelétrica do Norte Fluminense.









www.furnas.com.br
twitter.com/furnas
[instagram.com/furnasenergia](https://www.instagram.com/furnasenergia)
[facebook.com/furnasenergia](https://www.facebook.com/furnasenergia)

Uma década reconhecendo
o talento de nossos
colaboradores!

